

SERÁ QUE TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS?

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)**

Edições Cristãs

ÍNDICE

Dedico

Preliminares

Todas as religiões são boas porque o Deus de todas elas
é o mesmo

Porventura todas as religiões creem no mesmo Deus?

Os cultos falsos tornam más as religiões

Todos os caminhos conduzem ao céu

Todas as religiões são boas porque todas aconselham
fazer-se o bem

Caim, padroeiro e guia dos seguidores das falsas religiões

Ao terminar, um convite

E a posição da Igreja?

.oOo.

DEDICO

Aos sete mil, cujos joelhos se não dobraram a Baal;
Aos que não respeitam os soberbos e nem os que se desviam para a mentira religiosa;
Aos que arvoram a bandeira da Verdade do Evangelho e levantam o facho da fidelidade à Palavra de Deus;
Aos que batalham com ousadia e intrepidez pela fé uma vez por todas dada aos santos.

.oOo.

PRELIMINARES

Alega a maioria das pessoas serem boas todas as religiões. Em consequência, cada um pode seguir qualquer uma sem analisar as suas doutrinas, as suas práticas e os seus preceitos. Cada qual é livre para se filiar à que melhor lhe convier.

Há outros, ainda, que, numa espécie de sincretismo, tiram de cada uma de várias religiões o que mais se adapta aos seus pontos-de-vista pessoais e melhor lhes serve aos caprichos.

No afirmar-se serem boas todas as religiões, quatro razões se apresentam:

- 1) *O Deus de todas elas é o mesmo;***
- 2) *Todas, a seu modo característico, prestam culto a Deus;***
- 3) *Todas se destinam a encaminhar os seus fiéis para o Céu;***
- 4) *As religiões todas, enfim, mandam fazer o bem e evitar-se o mal.***

Verificamos, contudo, a incongruência destes motivos. Constataremos sua falta de lógica.

Demonstraremos o grave perigo a ameaçar as pessoas envolvidas por essa maneira cômoda e passiva de pensar.

Esse perigo, aliás, é gravíssimo por ser atinente ao problema da nossa salvação eterna.

Se há assunto sério neste mundo é este de ordem espiritual e de consequências eternas.

Ele é muito mais importante do que a nossa integridade física. E, por assim dizer, Jesus, com franqueza extrema, afirmou: “*Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno*” (Mateus 5.29-30).

O assunto concernente à nossa salvação eterna é muito mais valioso do que o Universo inteiro, na conformidade da própria palavra de Cristo: “*Pois que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?*” (Mateus 16.26).

Por outro lado, a ignorância em assunto espiritual não exime de culpa e de condenação.

Já o apóstolo Paulo, em sua Carta aos Romanos, com clareza, afirmava: “*O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles [os homens], porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o Seu eterno poder, como também a Sua própria Divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, INDESCULPÁVEIS*” (Romanos 1.19-20).

De certa feita, o mesmo apóstolo, em Listra, curou um aleijado de nascença. A multidão, admirada com o prodígio, se manifestou com estrépito e quis prestar-lhe e ao seu companheiro, Barnabé, um culto de reconhecimento por supor neles a divindade. Paulo, todavia, severamente repeliu essa ideia e, categórico, asseverou: “*Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o Evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho de Si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria*” (Atos 14.15-17).

Ninguém terá desculpas diante de Deus.

A natureza nos revela Deus. A beleza de uma noite recamada de estrelas, a pujança do sol em sua trajetória solene, a lua a cobrir de prata a tranquilidade noturna da terra, o marulhar cantante dos riachos, o

chicotear formidável dos relâmpagos, o estrondar do trovão, a inconstância constante das ondas do mar, o germinar da semente nas entranhas do solo fecundo, a policromia riquíssima das flores, a variedade incontável do sabor dos frutos, o recolher-se das águas pela evaporação do regaço das nuvens, a liquefação das nuvens transformadas em chuvas... Quantos testemunhos reveladores de Deus!

Testemunhos a tornarem inescusáveis os homens. Indesculpáveis da ignorância.

Galenos foi um grande médico. Dizia-se ateu. Um dia, porém, ao autopsiar um corpo humano, começou a observar a magnífica harmonia de todo o seu conjunto e a perfeição de cada órgão, desde o mais pequenino vaso até ao coração e ao cérebro. Não pôde resistir. Sentiu-se inescusável. Rendeu-se à evidência de Deus.

Nenhum médico sensato pode ser ateu. Se algum médico se diz ateu, longe dele, porque corre o risco de ser desonesto. Desonesto consigo próprio, com a sua consciência. E poderá ser para com os seus clientes. O corpo humano, em sua estupenda harmonia e na perfeição de cada uma de suas partes, é um eloquente testemunho de Deus.

Ninguém, em sã consciência, pode fugir à lógica e à consentânea conclusão: a natureza toda evidencia e testifica de Deus. E isto torna o homem inescusável, isto é, sem desculpa.

Ninguém, portanto, pode se esconder na escusa da ignorância.

Neste caso, a ignorância é pecado, por ser uma atitude contra a consciência e, como resultado trágico, produz a condenação, consoante Paulo Apóstolo ao se referir aos procrastinadores, “*obscurecidos de entendimento, ALHEIOS À VIDA DE DEUS POR CAUSA DA IGNORÂNCIA EM QUE VIVEM, pela dureza do seu coração*” (Efésios 4.18).

Essa ignorância se torna ainda mais criminosa por haver Deus se manifestado, revelando-se nas Sagradas Escrituras, as quais podem e devem ser examinadas por qualquer indivíduo.

Essa ignorância é a origem de todos os erros sobre Deus e a causa do absurdo da assertiva em favor de todas as religiões como boas. “*Errais, não conhecendo as Escrituras*”, advertiu Jesus Cristo em Mateus 22.29.

Essa ignorância a respeito de Deus é supremamente inescusável não só porque a natureza dá testemunho de Deus e as Escrituras O revelam com límpida clareza, mas também – e sobretudo – porque Jesus Cristo é, de todas as revelações, a mais soberana revelação de Deus. Jesus Cristo, o resplendor da “*glória de Deus*” e a “*expressão exata do Seu ser*” (Hebreus 1.3), pode dizer: “*Quem Me vê a Mim vê o Pai*” (João 14.9).

Constitui-se Ele na culminância da revelação de Deus: “*Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais [aos antepassados], pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho*” (Hebreus 1.1-2).

Iremos, portanto, neste livro, analisar, à luz das Sagradas Escrituras, a Bíblia, e à luz das palavras de Jesus Cristo, a Verdade Encarnada, os quatro motivos ou razões porque se dogmatiza serem boas todas as religiões.

Sob o enfoque do pensamento de Deus, verificaremos se é correta e se merece respeito essa posição de se admitirem boas e certas todas as religiões.

Aníbal Pereira Reis

.oOo.

TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS PORQUE O DEUS DE TODAS ELAS É O MESMO

Proceda-se a um teste. Pergunte-se a vários indivíduos seguidores de diversas religiões. Ao católico. Ao espírita. Ao maometano. Ao budista. Ao umbandista. Ao macumbeiro.

Pergunte-se a cada um deles sobre o seu pessoal ponto-de-vista ou o seu conceito sobre Deus.

Uns confundem Deus com um velho barbudo. Outros fazem-nO um olho arregalado dentro de um triângulo.

Uns creem-nO um poder da natureza. Outros supõem ser Deus tudo e tudo ser Deus, isto é, o Universo é Deus e Deus é o Universo, não havendo separação ou distinção entre Deus e a natureza.

Uns asseveram ser Deus uma força, e outros, a impossibilidade de se saber quem é Deus.

Indivíduos há que admitem um Deus Criador e afirmam haver Ele posto no mundo todos os poderes necessários de ação própria e desenvolvimento e, depois, o abandonou à sua própria sorte. Deus agora nem olha para este mundo. E cada um que se apoquente e se arranje.

Há quem desacredite Deus como Criador porque ouviu falar sobre a evolução das espécies. Que o homem, por exemplo, veio do macaco.

Pelo rádio, um dia desses, ouvi um líder religioso assegurando, com toda a rompância, que Deus não é uma Pessoa. É sim, uma forma de energia, uma fonte magnética de vibrações. E, para explicar esse seu conceito de Deus, virou e revirou, mastigou palavras desconexas, falou e falou, sem nada dizer.

Cada um, segundo a sua religião, quer ter a sua própria ideia embasada na autoridade dos seus chefes espirituais.

Se entre as religiões há tantas e tão aberrantes contradições sobre o conceito de Deus, todas elas, porventura, podem estar com a Verdade a respeito desse assunto?

Impossível!

Se nem todas estão com esta Verdade, por conseguinte só a que segue essa Verdade é boa. As demais religiões, por serem falsas, são más.

Na busca da Verdade sobre Deus, a Bíblia constitui-se nossa regra, por ser ela, também neste caso, útil e proveitosa para nos ensinar (2^a Timóteo 3.16).

Dela nos valemos para não errarmos (Mateus 22.29).

Quando alguém pretende informar-se sobre geografia ou regras gramaticais, recorre aos compêndios dessas matérias. Quem irá se valer de manuais de arte culinária se quer resolver um problema de álgebra ou de trigonometria?

Valemo-nos, por conseguinte, da Bíblia, se formos honestos na busca de conhecimentos sobre a Verdade de Deus, a fim de nos precavermos quanto a possíveis enganos.

Neste ponto de fundamental importância, esclarecidos pelas Sagradas Escrituras, nos poremos a salvo dos erros religiosos, sempre responsáveis pela perdição eterna de milhões.

Ao examinarmos a Bíblia, chegamos a esta conclusão: em toda ela não se encontra uma definição de Deus.

Defini-LO, aliás, seria limitá-LO. Seria, enfim, negá-LO.

Tentar retratá-LO com imagens de escultura ou figuras pintadas seria incorrer na insensatez de pretender expressar com o finito o infinito.

Os homens, quando assim se propuseram, incorreram na idolatria.

Nas Sagradas Escrituras, Deus nos revela os Seus atributos.

Atributos são os predicados, as qualidades, as características de Deus. Sem uma dessas qualificações ocorreria o absurdo de Deus não ser Deus. Assim, se Lhe faltasse a Santidade, Deus não seria Deus, porque esse atributo é essencial à Natureza Divina.

O homem também tem os seus atributos. As suas características próprias. Essenciais. Por exemplo, o raciocínio, o livre arbítrio. Sem esses atributos ou características essenciais à natureza humana, o homem deixaria de ser homem.

Há em Deus, outrossim, atributos naturais e atributos morais.

Esses atributos, qualidades ou características são essenciais em Deus, repita-se. Conhecendo-os ou reconhecendo-os nas Escrituras, podemos, por isso, dentro de nossas limitações intelectuais, conhecer Deus.

E este conhecimento nos move a adorá-LO. E a Ele nos submetermos.

•Oo•

Das divinas características naturais, a primeira, a fundamental, é a Espiritualidade.

Deus é ESPÍRITO.

Quando garoto, no catecismo paroquial, aprendi que Deus é **um** Espírito. Isto é engano!

Deus não é **um** Espírito. Deus é Espírito.

Sem aquele artigo indefinido.

Ele é Espírito. Espírito por suprema e exclusiva excelência.

A Espiritualidade é fundamental à existência de Deus. É atestado de arrematada insensatez querer apalpar Deus, querer vê-LO ou contemplá-LO a se mover no espaço, como quis aquele astronauta russo.

Por ser Espírito, Deus não se confunde com a natureza material. O panteísmo nega Deus por intentar transformá-LO em matéria. O espiritismo, por se basear nesse panteísmo, nega Deus. Então, o espiritismo não é boa religião. É enganosa.

A palavra espírito se contrasta com o vocabulário matéria. Espírito e matéria expressam duas realidades diferentes.

Pelos nossos sentidos (os olhos, o olfato, o tacto, o ouvido) podemos perceber, sentir a matéria e entrar em comunicação com ela. Podemos subjugá-la e transformá-la.

Mas não podemos dar à matéria a capacidade do pensamento, da vontade e do livre arbítrio, porque essas são qualidades ou características espirituais.

Como Espírito, Deus é incorpóreo. “*Um espírito não tem carne nem ossos*”, disse Jesus (Lucas 24.39).

Como Espírito, Ele é indivisível e invisível. Isento de paixões físicas. Livre de limitações.

Invisível, não O podemos apreender com os nossos sentidos. Vê-LO com os nossos olhos. Apalpá-LO com as nossas mãos. Percebê-LO com o nosso tacto.

Só podemos apreendê-LO pelas faculdades da alma: a inteligência e o amor.

Em Seu Ser essencial, Deus é Espírito. Em João 4.24, o Divino Mestre proclamou: “**DEUS É ESPÍRITO**”. E Paulo afirmou: “*O Senhor é Espírito*” (2ª Coríntios 3.17).

Este Apóstolo ensinou os filósofos de Atenas sobre a Espiritualidade de Deus. “*O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo Ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma cousa precisasse; pois Ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando, O possam achar...* Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem” (Atos 17.24-29).

oo

Espírito, Deus é VIVO.

Como ESPÍRITO VIVO, nEle a vida se encontra em grau infinito.

Como ESPÍRITO VIVO, Ele é a própria vida. “*O Pai tem vida em Si mesmo*”, revelou Jesus Cristo em João 5.26.

“*Ele é o Deus vivo*” (Jeremias 10.10).

É o “**DEUS VIVO**”, proclama aos licaônicos Paulo Apóstolo (Atos 14.15).

Já no Antigo Testamento reconhecia-se a vida em Deus. Ezequias, em seu recado a Rabsaqué, comandante-em-chefe dos exércitos de Senaqueribe, rei da Assíria, repele a afronta contra o Senhor, “*o DEUS VIVO*” (2º Reis 19.4).

Em suas antigas fórmulas de juramento, os hebreus invocavam o Deus vivo (1º Samuel 14.39, 45).

Tendo a vida como propriedade inalienável, Deus se distingue dos deuses criados pelos homens, discípulos de falsas religiões. Ele é o DEUS VIVO em contraposição com todos os outros deuses, que são mortos. “*O Senhor é verdadeiramente Deus; Ele é o Deus vivo e o Rei eterno; do Seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a Sua indignação... Os deuses que não fizeram os céus e a terra desaparecerão da terra e de debaixo dos céus*” (Jeremias 10.10-11)

Mortos, os outros deuses não veem e nem escutam. “*Nada vêem, nem entendem para que eles [os seus seguidores] sejam confundidos*” (Isaias 44.9).

Mortos, por lhes faltar espírito, são impotentes e mentirosos. “*Todo homem se tornou estúpido e não tem saber; todo ourives é envergonhado pela imagem que ele mesmo esculpiu; pois as suas imagens são mentira, e nelas não há fôlego*” (Jeremias 10.14).

Como DEUS VIVO, a vida Lhe é essencial, tornando-se, por conseguinte, em fonte da vida. “*Em Ti está o manancial da vida*”, exclama o rei Davi.

Ao passar o cajado da chefia do povo israelita, no instante solene da travessia dos limites de Canaã, Moisés, em sua magnífica oração, aconselha os seus liderados: “*Amado o Senhor teu Deus, dando ouvidos à Sua voz e apegando-te a Ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade*” (Deuteronômio 30.20).

Só em DEUS VIVO e Fonte da Vida, portanto, se pode confiar.

“*Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do DEUS VIVO*” (Salmo 42.1-2). “*Quão amáveis são os Teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos! A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo DEUS VIVO!*” (Salmo 84.1-2).

○○○

Espírito, Deus vivo é, por isso mesmo, PESSOA.

Como Pessoa, Ele se distingue da natureza.

Deus e natureza não são a mesma coisa porque Deus, como Espírito Vivo, é Pessoa.

Como Pessoa, Ele não é uma forma de energia ou uma fonte magnética de vibrações, como querem os umbandistas e os espíritas.

Sendo Personalidade, Deus é dotado de autoconsciência e do poder de autodeterminação; quer dizer, é dotado de capacidade, de, por ato de Sua vontade livre, determinar as Suas ações.

Personalidade, portanto, é diversa, diferente, de corporalidade. Corporalidade até os irracionais têm. Personalidade é propriedade espiritual.

Deus, portanto, é Pessoa por ser Espírito.

Sendo Pessoa, as Sagradas Escrituras Lhe atribuem nomes. Nomes reveladores de Sua autoconsciência, da Sua providência pessoal, de Sua liderança, de Sua soberania, do Seu poder preservativo, de conceder paz, proteção...

Atribuem-Lhe elas também pronomes pessoais (Tu e Te, Ele e Lhe), que subentendem a Sua personalidade.

A Deus, nas páginas bíblicas, são ainda atribuídas características e propriedades próprias de pessoas, como, por exemplo, a tristeza, o zelo, o amor, o aborrecimento.

oOo

Por ser Pessoa, é Ele o CRIADOR.

“No princípio criou Deus os céus e a terra”, eis a solene afirmação bíblica, logo no primeiro versículo de Gênesis.

“Assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu” (Isaías 45.18).

A Bíblia não se cansa de repetir e repetir que Deus fez os céus e a terra e tudo quanto neles há.

Como Pessoa, criou Ele o homem. *“Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança”* (Gênesis 1.26).

Se o homem é pessoa, Deus forçosamente há de ser Pessoa. É Pessoa em sentido soberano por que Criador. Criador de todas as coisas. E Criador, sobretudo, de pessoas.

Como Criador, é Ele a Pessoa a Quem todas as coisas glorificam (Salmo 148). *“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas Tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas”* (Apocalipse 4.11).

oOo

Criando o Universo e o homem, Ele não os abandonou à sua sorte, como querem os deístas.

Criador, como Pessoa, é Ele o Preservador de tudo. *“Ele [Jesus Cristo], que é o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser, SUSTENTANDO TODAS AS COISAS pela palavra do Seu poder”* (Hebreus 1.3). *“NEle tudo subsiste”* (Colossenses 1.17).

Preservador de tudo, é Ele o Benfeitor das criaturas viventes, pois a vida é um dom especial do Seu poder.

Davi, no Salmo 104, exprime-se com ternura: *“Todos esperam de Ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. Se ocultas o rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó. Envias o Teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da terra”* (Salmo 104.27-30).

Em tempo apropriado se revela a Providência Divina. Elias, o grande e valoroso profeta, enfrentou a perversa Jezabel. Perseguido, refugiou-se no deserto. *“Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro; eis que um anjo o tocou e lhe disse: Levanta-te e come. Olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão*

cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir. Voltou segunda vez o anjo do Senhor, tocou-o e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo” (1º Reis 19.5-7).

Jesus Cristo, o nosso Divino Mestre, em Seu Sermão da Montanha, magnificamente enaltece a Providência preservadora de Deus. “Por isso, vos digo: *Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: Não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um cônado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: Eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu com qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas cousas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” (Mateus 6.25-34).*

Se quiséssemos enfileirar afirmações e fatos sobre a Providência Divina no preservar a Criação, sobretudo o homem, que recheiam as Sagrada Escrituras, teríamos que transcrever quase toda a Bíblia.

oo

A Espiritualidade, a Vida, a Personalidade, o Poder Criador e Preservador são atributos naturais de Deus que O fazem eterno, imutável, onisciente, onipotente e onipresente.

Eterno, Sua autoexistência foi, é e será, por quanto não teve princípio e jamais se findará. “Antes que os montes nascessem, e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, Tu és Deus” (Salmo 90.2).

Imutável, como Ser infinito, absolutamente independente e eterno, Ele está acima de quaisquer mutações. “Deus,, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do Seu propósito, se interpôs com juramento, para que, mediante duas cousas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta”

(Hebreus 6.17-18). “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hebreus 13.8).

Onisciente porque Espírito infinitamente perfeito, é a suma inteligência. Nada escapa ao Seu perfeito conhecimento. “*Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o Seu entendimento*” (Isaías 40.28). “*Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!*”, exclama embevecido o Apóstolo Paulo, em Romanos 11.33.

Onipotente, pode Ele fazer tudo quanto deseja. Nada Lhe é impossível. Nada Lhe é difícil. “*Para Deus tudo é possível*”, disse Jesus em Mateus 19.26. “*Eu sou o Deus Todo-Poderoso*” é a expressão usada pelo Senhor ao Se apresentar a Abrão (Gênesis 17.1).

E a Moisés afirmou: “*Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como Deus Todo-Poderoso*” (Êxodo 6.3).

O Seu poder infinito atinge todo o Universo, toda a natureza, todos os homens. E também os espíritos malignos.

Ele é Onipresente por ser Onipotente e Onisciente. Sendo um Ser espiritual, a Sua presença, ao mesmo tempo, em todos os lugares, também é espiritual. Ela preenche a imensidão.

No discurso aos filósofos de Atenas, Paulo se referiu a este atributo próprio e essencial à natureza divina: “*NEle vivemos, e nos movemos, e existimos*” (Atos 17.28).

O Salmo 139.7-12 proclama a Sua Onipresença: “*Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a Tua mão, e a Tua destra me susterá. Se eu digo: As trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não Te serão escuras: As trevas e a luz são a mesma cousa*”.

Esses, portanto, consoante as Escrituras, são os atributos essenciais da natureza de Deus. Se Deus não se define, porque defini-lo seria limitá-lo, negá-lo, contudo, dentro das limitações da nossa inteligência, podemos conhecê-lo e oferecer-Lhe a nossa fé.

oo

Deus é ESPÍRITO. ESPÍRITO VIVO. Como ESPÍRITO VIVO, Deus é PESSOA. Como PESSOA, Deus é CRIADOR de todas as coisas. CRIADOR, é Ele o PRESERVADOR, a PROVIDÊNCIA a sustentar a Sua criatura.

Como Ser Espiritual, Vivo, Pessoal, Deus é ETERNO, IMUTÁVEL, ONISCIENTE, ONIPOTENTE e ONIPRESENTE.

Estes são os atributos essenciais, as características intrínsecas, inerentes, próprias de Deus. Descrever de algum deles ou confundi-los, inutiliza a fé que se possa ter em Deus, pois se trataria de uma fé adulterada e, como resultado, inútil.

Será, por acaso, que todas as religiões anunciam um Deus com todos esses atributos revelados na Bíblia?

É negativa, porém, a resposta honesta.

Nesse caso, as religiões que não creem em Deus, segundo as Escrituras, não são religiões boas. Baseadas em falsos conceitos de Deus, desencaminham os seus fiéis, pervertendo-os.

Todos os líderes religiosos, se conscientes, deveriam buscar, com toda a sinceridade, as seguras informações concernentes a Deus nas Sagradas Escrituras.

João, em sua Segunda Epístola, afirma: “*Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus*” (v. 9). Ir além ou ficar aquém da doutrina sobre Deus, registrada na Revelação Divina, a Bíblia, significa estar sem Deus. As religiões seguidoras de conceitos alheios à Bíblia referentes a Deus, não têm Deus. São falsas. E, se falsas, más. Corruptas e corruptoras.

.oOo.

PORVENTURA TODAS AS RELIGIÕES CREEM NO MESMO DEUS?

Cada religião faz um conceito de Deus diferente das demais. Uma aceita alguns dos Seus atributos naturais e nega outros. Outra admite os rejeitados e rejeita os aceitos por aquela. E há religiões que recusam todos os atributos divinos, qualidades intrínsecas, essenciais, inerentes a Deus, reveladas na Bíblia.

Se acontece assim com relação aos atributos naturais, com os atributos morais de Deus a confusão é maior ainda, entre as religiões adotantes de outras fontes de revelação que não a Bíblia, ou além da Bíblia.

Muitas passagens das Escrituras Sagradas testificam a Espiritualidade de Deus, o fato de Ele ser Vivo, Pessoal, Criador, Preservador, Onipotente, Onisciente e Onipresente.

A característica, contudo, mais enfatizada e exaltada é a da SANTIDADE de Deus, por ser ela o Seu principal atributo moral. A Santidade é essencial a Deus. Só o profeta Isaías, em seu livro, por cerca de trinta vezes se refere a Deus chamando-O de SANTO.

“Celebrem eles o Teu nome grande e tremendo, porque é santo... Exaltai ao Senhor, nosso Deus, e prostrai-vos ante o Seu santo nome, porque santo é o Senhor, nosso Deus” (Salmo 99.3, 9).

A liturgia celestial se aprimora na exaltação da Santidade de Deus: “*Santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, Aquele que era, que é e que há de vir*” (Apocalipse 4.8).

Em nossa maneira humana de falar, à luz da revelação e também à luz da nossa própria razão, a Santidade poderia ser o atributo considerado a ocupar o primeiro lugar.

Deus-matéria não existe porque Deus há de ser Espírito.

Deus morto não existe porque Deus há de ser Vivo.

Deus impessoal não existe porque Deus há de ser Pessoa.

Deus criado não existe porque Deus há de ser Criador.

Deus descuidado não existe porque Deus há de ser Preservador.

Deus transitório não existe porque Deus há de ser Deus Eterno.

Deus sujeito a mudanças não existe porque Deus há de ser Imutável.

Deus ignorante não existe porque Deus há de ser Onisciente.

Deus fraco não existe porque Deus há de ser Onipotente.

Deus limitado num ponto geográfico não existe porque Deus há de ser Onipresente.

E poderia, acaso, existir um Deus que não fosse SANTO?

Poderia existir um Deus cuja natureza moral não fosse essencialmente Santa?

O que é, porém, a Santidade?

Na Bíblia, a nossa exclusiva Regra de Fé, deparamo-nos com dois aspectos da Santidade Divina:

1) NEGATIVO – Deus é Santo porque separado do mal. A Sua natureza está isenta de tudo o que é menos digno ou de natureza

pecaminosa. “*Longe de Deus o praticar Ele a perversidade, e do Todo-Poderoso o cometer injustiça*” (Jó 34.10).

É por ser Ele pessoalmente separado da iniquidade que também se isola do pecado, com relação a todas as Suas criaturas.

Em consequência, Ele exige a santidade delas. “*Sede santos, porque Eu sou santo*” (1^a Pedro 1.16). “*O teu acampamento será santo, para que Ele não veja em ti cousa indecente e se aparte de ti*”, recomendava Moisés ao seu povo em Deuteronômio 23.14.

2) POSITIVO – Em Deus a perfeição moral é infinita e absoluta. A pureza e integridade do Seu caráter são essenciais à Sua natureza. “*Assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de santo: Habito no alto e santo lugar*” (Isaías 57.15). “*Deus é luz, e não há nEle treva nenhuma*” (1^a João 1.5).

A Santidade de Deus, contudo, é ativa. Ela se manifesta no exercício do Seu poder na criação. “*Para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso, e o Santo de Israel o criou*” (Isaías 41.20). “*Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, Aquele que o formou: Quereis, acaso, saber as cousas futuras? Quereis dar ordens acerca de Meus filhos e acerca das obras de Minhas mãos? Eu fiz a terra e criei nela o homem; as Minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as Minhas ordens*” (Isaías 45.11-12).

A Santidade de Deus se manifesta nos Seus milagres. Em seu cântico, Ana, mãe de Samuel, ao lhe nascer prodigiosamente o filho, exclama: “*Não há santo como o Senhor; porque não há outro além de Ti; e Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus... O arco dos fortes é quebrado, porém os débeis, cingidos de força. Os que antes eram fartos hoje se alugam por pão, mas os que andavam famintos não sofrem mais fome; até a estéril tem sete filhos, e a que tinha muitos filhos perde o vigor. O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir. O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta. Levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória; porque do Senhor são as colunas da terra, e assentou sobre elas o mundo*” (1º Samuel 2.2-8).

Manifesta-se a Santidade de Deus nos fenômenos da natureza criada. “*Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu nome, adorai o Senhor na beleza da santidade. Ouvi a voz do Senhor sobre as águas; troveja o Deus da glória; o Senhor está sobre as muitas águas. A voz do Senhor é poderosa; a voz do Senhor é cheia de majestade. A voz do Senhor quebra os cedros; sim, o Senhor despedeça os cedros do Líbano. Ele os faz saltar como um bezerro;*

o Líbano e o Siriom, como bois selvagens. A voz do Senhor despede chamas de fogo. A voz do Senhor faz tremer o deserto; o Senhor faz tremer o deserto de Cades. A voz do Senhor faz dar cria às corças e desnuda os bosques; e no Seu tempo tudo diz: Glória! O Senhor preside aos dilúvios; como rei, o Senhor presidirá para sempre. O Senhor dá força ao Seu povo, o Senhor abençoa com paz ao Seu povo” (Salmo 29.2-10).

Manifesta-se essa Santidade no prazer daquilo que é santo. “*Santos sereis, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo*” (Levítico 19.2). “*Ser-Meis santos, porque Eu, o Senhor, sou santo e separai-vos dos povos, para serdes Meus*” (Levítico 20.26).

Deus manifesta a Sua Santidade em Seu aborrecimento contra o pecado. “*Abomináveis são para o Senhor os designios do mau*” (Provérbios 15.26). “*O caminho do perverso é abominação ao Senhor*” (Provérbios 15.9). “*Seis causas o Senhor aborrece, e a sétima a Sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos*” (Provérbios 6.16-19).

Manifesta-se Sua Santidade na separação entre Deus e o pecador. “*Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o Seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós, para que vos não ouça*” (Isaías 59.1-2).

Os pecadores são “*por natureza, filhos da ira*” (Efésios 2.3) e mortos nos seus pecados (Efésios 2.1; Colossenses 2.13).

Esta separação se tornará eterna, definitiva e irreversível no inferno. “*Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno*” (Mateus 25.41).

As penas eternas do inferno manifestam a Santidade infinita do nosso Deus Santo.

A Santidade Divina se manifesta, enfim, em estabelecer em Cristo a providência libertadora do pecador, destinando-o a uma vida santa e reta. “*Carregando Ele mesmo [Jesus Cristo] em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por Suas chagas fostes sarados*” (1^a Pedro 2.24). “*Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna*” (Romanos 6.22).

Com o propósito de nos levar ao conhecimento de Deus, a Bíblia, em separado da santidade dEle, nos fala sobre a Sua retidão e justiça.

Na realidade, esses dois atributos revelam enfaticamente e com destaque a Sua Santidade enquanto exercida para com as criaturas.

Deus se revela reto ao estabelecer as Suas leis e os Seus preceitos, a nos demonstrar o Seu interesse pela nossa conduta santa e reta.

Todo o Salmo 119 se constitui em exaltação à Retidão de Deus por nos haver outorgado os Seus santos estatutos, que, se obedecidos, nos fazem felizes. *“Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do Senhor”* (Salmo 119.1).

Se à Retidão de Deus pudermos chamar de Santidade Legislativa, à Sua Justiça chamariamos de Santidade Judicial ou Punitiva.

Com efeito, pela Sua Justiça, Ele executa as penalidades impostas por Sua lei.

Santo, Incontaminado, Puro, repugna essencialmente à natureza divina de Deus o pecado, a desobediência à Sua soberana vontade com o transgredir de Sua lei.

Por isso, Ele abomina o pecado e aborrece quem o comete. *“Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os Seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nEle injustiça; é justo e reto”* (Deuteronômio 32.4). *“O Senhor está no Seu santo templo; nos céus tem o Senhor Seu trono; os Seus olhos estão atentos, as Suas pálpebras sondam os filhos dos homens. O Senhor põe à prova ao justo e ao ímpio; mas, ao que ama a violência, a Sua alma o abomina. Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do Seu cálice. Porque o Senhor é justo, Ele ama a justiça; os retos Lhe contemplarão a face”* (Salmo 11.4-7). *“Tu és justo, Tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas cousas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso”* (Apocalipse 16.5-6).

A justiça, como santidade punitiva, exige que a Santidade de Deus, ultrajada pelo pecado, seja condignamente reparada.

E o pecador, porventura, tem condições de repará-la?

É evidente que não, pois, além de criatura, posto, portanto, em distância infinita de Deus, o Criador, pelo pecado se rebaixou ainda mais. É metafísica e moralmente impossível à criatura prevaricadora reparar a Santidade divina.

Esta Santidade, outrossim, por Justiça, não poderia ficar sem uma satisfação condigna e suficiente.

Em consequência, portanto, Jesus Cristo veio ao mundo para, com a Sua morte, satisfazer e reparar a Santidade infinita de Deus, vilipendiada pelo pecado, transgressão da lei.

Em Jeremias 23.6 e 33.16, Jesus Cristo é cognominado de “SENHOR, JUSTIÇA NOSSA”. Ao insistir que João, o precursor, O batizasse, salientou Jesus a necessidade de que se cumprisse toda a Justiça (Mateus 3.15).

Jesus Cristo, “*JUSTIÇA NOSSA*”, com a Sua morte vicária, resgatou-nos do poder do pecado, saldando nossa dívida de reparação para com Deus. Torna-nos justos. Justifica-nos, contanto que, pela fé, nEle confiemos. “*Sendo justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no Seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar Sua JUSTIÇA, por ter Deus, na Sua tolerância, deixados impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da Sua JUSTIÇA no tempo presente, para Ele mesmo ser JUSTO e JUSTIFICADOR daquele que tem fé em Jesus*” (Romanos 3.24-26).

Graças à morte vicária de Cristo, exigida pela JUSTIÇA divina, João pôde escrever: “*Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça*” (1^a João 1.9).

oo

O AMOR culmina todos os atributos morais de Deus. Em Deus SANTO esplende o AMOR em grau infinito, sem mesclas que deslustrem.

Como Ser Espiritual, o Seu Amor é infinitamente Puro porque não se conspurca com a matéria.

Revela-o na Criação. Demonstra-o permanente através de sua Providência.

É Infinito por ser Ele Onipotente. A todos abrange por ser Ele Onipresente e Onisciente.

O que é o amor?

É o relacionamento mais excelente entre pessoas, isto é, seres pessoais e inteligentes porque dotados de espírito.

Em sendo Deus Perfeito, o Seu Amor é Perfeito. Inclina-O a promover as melhores coisas em favor de Suas criaturas, comprazendo-se com isso e, sobretudo, a comunicar-se com elas. A Bíblia, neste caso, é uma prova do Seu Amor para conosco, porquanto, através dela, Ele se comunica conosco. “*E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, (= amor vivenciado) e aquele que permanece no amor (= amor vivenciado) permanece em Deus, e Deus, nele*” (1^a João 4.16).

A redenção do pecador envolve o Amor de Deus em duplo aspecto: por amor à Sua santidade infinita, Ele quer – e isto é essencial à Sua natureza divina –, Ele quer ser reparado em JUSTIÇA. E deste amor a Si próprio decorre o amor que Ele dedica à Sua criatura. Amando-a, em Sua Justiça, deliberou salvá-la para a Sua glória e o Seu gozo inefável. “*Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna*” (João 3.16). “*Nisto se manifestou o amor (= amor vivenciado) de Deus em nós: em haver Deus*

enviado o Seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dEle” (1^a João 4.9). “Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a Seu tempo pelos ímpios. Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5.6-8).

O Amor de Deus, portanto, se manifesta soberanamente na obra expiatória e salvífica de Cristo Jesus.

Por isso o Seu Amor de demonstra em exuberante afeição para os que, pela fé, se unem a Jesus Cristo, para com aqueles que O aceitam como único e todo-suficiente Salvador. *“Aquele que Me ama será amado por Meu Pai, e Eu também o amarei e Me manifestarei a ele... Se alguém Me ama, guardará a Minha palavra; e Meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada”* (João 14.21, 23). O Amor de predileção para com os crentes é comparado por Jesus àquele amor com que o Pai O ama. *“Eu neles, e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu Me enviaste e os amaste, como também amaste a Mim”* (João 17.23).

Ao lume das Santas Escrituras destacam-se em Deus esses atributos morais.

Porventura, todas as religiões, quanto a eles, se sintonizam em face destes ensinamentos?

Acaso todas as religiões enaltecem a Santidade infinita de Deus e, como resultado, movem os seus fiéis a se arrependerem de seus pecados e a buscarem no sangue de Cristo purificação de suas consciências, a fim de serem santos e justos como Deus é Santo e Justo (1^a João 1.7; 1^a Pedro 1.18-19)?

Acaso todas as religiões pregam a salvação do pecador exclusivamente pela fé em Jesus Cristo como único e todo-suficiente Salvador? Sem a exigência de méritos pessoais provenientes das chamadas boas obras e dos ritos litúrgicos?

Acaso todas as religiões admitem o inferno como manifestação da Santidade infinita de Deus, de Sua Justiça para com os que, usando mal o livre arbítrio, rejeitam Cristo como único e todo-suficiente Redentor ou O confundem com outros pretensos meios de salvação, como a intitulada reencarnação e com o utópico purgatório?

Acaso todas as religiões aceitam o Amor de Deus que está em Cristo Jesus, vindo ao mundo para libertar o pecador dos seus pecados, pois Deus odeia e abomina o pecado? Ou conspurcam o Amor de Deus, pactuando com a iniquidade?

Porventura todas as religiões creem nesse Deus revelado nas Escrituras divinamente inspiradas?

Creem todas elas em Deus Espírito, sem admitir o panteísmo, que O confunde com a natureza criada?

Creem todas elas em Deus Vivo, sem identificá-lo com a matéria, as imagens de escultura, o que é idolatria?

Creem todas elas em Deus Pessoa, sem supô-lo apenas uma forma de energia ou fonte magnética de vibrações, consoante o espiritismo?

Creem todas elas em Deus Criador, sem mesclar o Seu Poder infinito com um fantasmagórico processo evolutivo nos moldes do evolucionismo rígido ou mitigado?

Creem todas elas na Santidade suprema de Deus, que nos exige santos e, por isso, abomina o pecado, e criou o inferno para os procrastinadores contra a Sua graça salvadora?

Creem todas elas na plena Justiça divina, cumprida em Jesus Cristo com a Sua morte expiatória e vicária, sem advogar a suposta presença de uma co-redentora e de méritos de certos personagens inadequadamente intitulados de santos?

As religiões que não se afinam com as Escrituras divinamente inspiradas, embora proclamem e aclamem o Nome de Deus, não têm Deus. São falsas. Mentirosas. MÁS! Perversas!!!

.oOo.

OS CULTOS FALSOS TORNAM MÁS AS RELIGIÕES

Cada religião tem um conjunto de doutrinas próprias e características e, em decorrência, cada uma tem a sua maneira de prestar culto com cerimônias e ritos distintivos.

A forma de culto, com os seus ritos e devoções, depende da doutrina. A liturgia decorre da dogmática. *Lex credendi lex orandi*.

Se cada religião tem as suas crenças distintas sobre Deus, cada uma, a seu modo, presta-Lhe culto. E nem é preciso agudo espírito de observação para se constatar esse fato. Entre-se num templo católico, num centro espírita, num terreiro de umbanda, num templo evangélico. Os

próprios objetos e a disposição deles denunciam as formas diversas de cultos.

Diz-se que todas essas religiões são boas porque todas elas – cada qual a seu modo – tributam homenagens a Deus.

De fato, cultuar a Deus significa homenageá-lo. Adorá-lo.

A adoração é o elemento essencial, o mais importante do culto. Aliás, ambos, adoração e culto, se identificam.

No relacionamento criatura-CRIADOR é este o dever fundamental. *“Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou. Ele é o nosso Deus”* (Salmo 95.6-7).

Reconhecendo-O santo, O adoramos. *“Adorai o Senhor na beleza da Sua santidade”* (Salmo 96.9).

No céu a tarefa dos anjos e dos salvos é a de adorar, glorificando, a Deus. João pôde ver uma nesga do céu e contemplou os anciãos que se prostravam perante Deus e adoravam o que vive para sempre (Apocalipse 4.10; 5.14). *“E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus”* (Apocalipse 11.16; 19.4).

O culto a Deus, portanto, é fundamental na religião.

Como deve, porém, ser feito? Sob que forma ou formas deve ser tributado? Deve atender a ritos estereotipados, previamente estabelecidos por uma autoridade eclesiástica? Ou qualquer religião pode prestá-lo como bem entender? Sob quais condições se pode e se deve cultuar a Deus?

Se cada religião presta a seu modo culto a Deus, será que todas O agradam?

Ou Deus estabeleceu normas apropriadas e consentâneas com a Sua natureza para ser adorado e cultuado?

A Quem vamos recorrer neste empenho de descobrirmos as normas legítimas de cultuarmos a Deus?

A Jesus Cristo, o Divino Mestre!

De certa feita, dEle se aproximou uma mulher samaritana. Com ela o Mestre entabulou um diálogo.

Observou-lhe Jesus a inutilidade do culto dos samaritanos. *“Vós adorais o que não conheceis”* (João 4.22).

E estabeleceu as normas para a genuína, a legítima adoração. Estabeleceu as normas como Deus quer ser adorado. Estabeleceu as normas VERDADEIRAS da adoração a Deus. *“Os VERDADEIROS adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”* (João 4.23).

Deus tem o direito inalienável, impostergável, à adoração verdadeira. À adoração sintonizada com a Sua Verdade.

Se há verdadeiros adoradores é porque eles se contrapõem aos falsos e aos mentirosos. A estes o Senhor rejeita.

Se há a legítima adoração é porque ela se contrapõe à falsa e espúria adoração. A esta Deus repele.

E em que condições ou sob que normas a adoração é CERTA e LEGÍTIMA e Deus a aceita?

De acordo com o ensino de Jesus Cristo, o nosso Divino Mestre, a adoração, para ser legítima, e, portanto, do agrado de Deus, há de atender a dois requisitos só. A apenas duas condições: EM ESPÍRITO e EM VERDADE.

“Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade” (João 4.24).

Em palavras tão singelas, Cristo estabelece o luminoso ensinamento sobre as normas do culto a ser tributado a Deus.

Portanto, à luz da Bíblia, analisemos as suas normas de culto a Deus, estabelecidas por Jesus Cristo, as duas condições exclusivas para que seja ele legítimo e autêntico:

Primeira – “EM ESPÍRITO”!

Por que “EM ESPÍRITO”?

Porque “DEUS É ESPÍRITO”!

Se “Deus é espírito”, conforme proclamou Jesus em João 4.24, o culto a Ele tributado deve ser espiritual, “em espírito”!

Quando Deus entregou no Monte Sinai a Moisés o Decálogo (Êxodo 19 e 20.1-18), o povo, posto à distância, não viu a face de Deus. “Então, o Senhor vos falou do meio do fogo; a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma” (Deuteronômio 4.12).

Por quê?

Para evitar a corrupção do povo se viesse a fabricar figuras e imagens de Deus. Se Deus é ESPÍRITO, impossível representá-lo com imagens. Em seu discurso aos filósofos de Atenas, Paulo Apóstolo vergastou-lhes as superstições das imagens: “Não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem” (Atos 17.29).

No Monte Sinai nenhuma figura de Deus viram os israelitas. E, inspirado pelo Senhor, Moisés, ao exortá-los à obediência, elucidou: “Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher, semelhança de algum

animal que há na terra, semelhança de algum volátil que voa pelos céus, semelhança de algum animal que rasteja sobre a terra, semelhança de algum peixe que há debaixo das águas da terra. Guarda-te não levantes os olhos para os céus e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dês culto àqueles, cousas que o Senhor, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus” (Deuteronômio 4.15-19).

Ao enfoque da Bíblia, é corrupção, por meio de imagens de escultura, assemelhar Deus à figura de homem (macho ou fêmea). É corrupção assemelhá-lo a algum animal ou ave.

É corrupção assemelhá-lo a um animal rastejante ou a um peixe.

É corrupção cultuar o sol, a lua e as estrelas como representações de Deus.

Os povos da Mesopotâmia, donde saíra Abrão, e do Egito, onde os israelitas, durante 430 anos, estiveram escravizados, eram idólatras porque prestavam culto a deuses falsos materializados em esculturas, em animais, como as serpentes (ofidiolatria), nos astros e nas formas da natureza.

Deus – o Deus que tirou o povo israelita da “*terra do Egito, da casa da servidão*” (Êxodo 20.2) – é o único Deus. É Ele o Senhor! “*O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor*” (Deuteronômio 6.4). É o “*único Deus verdadeiro*”, afirmou Jesus em João 17.3. “*Não há senão um só Deus*”, insiste Paulo Apóstolo (1^a Coríntios 8.4).

Por isso, o Senhor abre o Decálogo com este preceito: “*Não terás outros deuses diante de Mim*” (Êxodo 20.3).

Ao povo de Judá, séculos posteriores, Jeremias, o profeta, recorda este primeiro mandamento: “*Não andeis após outros deuses para os servirdes e para os adorardes*” (Jeremias 25.6).

O culto a deuses estranhos se denomina idolatria.

Será, porventura, idólatra só quem cultua, como um deus, o sol? Ou a lua? Ou um imperador? Ou uma cobra? Ou o relâmpago? Ou o trovão?

Não!!!

Também é idolatria afigurar-se o DEUS VERDADEIRO, revelado nas Escrituras, em imagens de escultura.

Daí o segundo mandamento do Decálogo: “*Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque Eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que Me amam e*

guardam os Meus mandamentos" (Êxodo 20.4-6). Esse segundo preceito – já se vê! – estabelece a proibição de se confeccionarem imagens de escultura que representem Deus, cuja face ninguém jamais viu.

Por intermédio de Jeremias, o Senhor, nesse sentido, faz a seguinte advertência: "*Nem Me provoqueis à ira com as obras de vossas mãos*" (25.6).

Assemelhar Deus a imagens é idolatria. Prestar-Lhe culto utilizando-se delas é idolatria. "*Não te encurvarás a elas nem as servirás*" (Êxodo 20.5 – Versão Corrigida).

É crime de lesa-divindade, contra o qual Deus comina pesados castigos.

A Bíblia, Palavra de Deus, é um livro precioso e completo. Nela encontram-se os preceitos divinos para a nossa conduta correta sob a santíssima vontade do Senhor.

Deus, contudo, não quer, em Seus amoráveis desígnios, uma obediência cega. Ele nos trata como a pessoas dotadas de inteligência. Por isso, nos dá os motivos dos Seus mandamentos. "*Guardai, pois, CUIDADOSAMENTE, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo*" (Deuteronômio 4.15).

Sem saber qual a aparência de Deus, como pode a criatura materializá-LO ou simbolizá-LO numa estátua?

E nem é possível algum objeto material representá-LO porque nenhuma matéria tem semelhança com Ele, pois Deus é espírito.

Como espírito, Ele é imaterial, e olho material algum é capaz de vê-LO.

À nossa razão, por conseguinte, é ilógico, inconsequente, insensato, o culto a Deus por meio de objetos materiais, supostas figuras ou imagens dEle.

Durante os quatro séculos de escravidão no Egito, o povo hebreu sempre viu os nativos daquele país a prestar culto aos seus deuses, figurados em estátuas. E, durante a travessia no deserto, enquanto o seu líder, Moisés, se encontrava no Monte Sinai recebendo o Decálogo e os outros estatutos do Senhor, aquele povo instigou Arão a orientar o trabalho de fabricação de uma imagem de escultura que lhe representasse Deus, o seu Libertador da servidão egípcia. As joias foram juntadas e Arão fez um bezerro e edificou-lhe um altar.

No Egito, o boi, por ser um animal vigoroso, se prestava, na conceituação religiosa popular, a simbolizar os seus deuses, nos quais se queria encontrar o poder e a força.

À imitação dos egípcios, pois, Arão decidiu figurar Deus na imagem de um bezerro, pretendendo com ela significar o Poder de Deus, que favorecera tamanha libertação. Por isso, Arão apregoou: “Amanhã será festa ao Senhor” (Êxodo 32.5).

“No dia seguinte, madrugaram, e ofereceram holocaustos, e trouxeram ofertas pacíficas; e o povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se” (Êxodo 32.6).

Deus terá aceito este culto?

Não!

E os hebreus foram sinceros ao promovê-lo. Tanta e tamanha sinceridade houve que ofereceram as suas joias preciosas.

Deus rejeitou este culto por ser idólatra. Com ele o povo se havia corrompido (Êxodo 32.7).

Recrimou o Senhor severamente aquele obstinado povo.

Moisés, de sua parte, se exaltou ao extremo, enchendo-se de santa cólera. *“Logo que se aproximou do arraial, viu ele o bezerro e as danças; então, acendendo-se-lhe a ira, arrojou das mãos as tâbuas e quebrou-as ao pé do monte; e, pegando no bezerro que tinham feito, queimou-o e o reduziu a pó”* (Êxodo 32.19-20).

O Senhor feriu o Seu povo por Lhe haver prestado um culto falso!

Culto falso é abominação ao Senhor!

E quem o pratica sofre trágicas consequências.

Aliás, é da experiência psicológica. O indivíduo se identifica com o seu objeto de culto. Se ele cultua a Deus em espírito, então, de modo certo, o seu comportamento se eleva, dignificando-O. Mas, se no seu culto a Deus ele recorre à falsidade das imagens de escultura, degrada-se moralmente. Como resultado, onde predomina o culto idolátrico a moralidade pública é sempre muito baixa.

Cumprem-se inexoravelmente nos idólatras as maldições divinas: *“Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos dos homens. Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram. Suas mãos não apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam”* (Salmo 115.4-8).

“TORNEM-SE SEMELHANTES A ELES OS QUE OS FAZEM E QUANTOS NELES CONFIAM”.

Que se embruteçam! Que se animalizem! Que as desgraças recaiam sobre eles!

Pergunte-se agora: SERÁ BOA A RELIGIÃO QUE PRATICA O CULTO DE IMAGENS?

Qual a resposta certa à luz da Bíblia? Diante dos santos preceitos de Deus?

A resposta certa é contra o culto que se utiliza de imagens porque “*Deus é ESPÍRITO; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade*”, estabeleceu Jesus (João 4.24). E “*são estes que o Pai procura para Seus adoradores*” (João 4.23).

Aos que querem adorá-LO de outra maneira Ele repele e abomina.

O iníquo, contudo, teima e se obstina em suas desgraçadas “convicções” e “pontos-de-vista” pessoais. Ele quer fazer prevalecer a sua própria vontade. Revolta-se contra a vontade soberana de Deus. E assim engendra sofismas para justificar a falsidade do culto da sua religião.

E lá vem a desculpa: Mas Jesus Cristo viveu neste mundo como homem. E, se viveu como homem, podemos fazer imagens dEle e Lhe prestar culto por meio delas.

Acontece, porém, que as Sagradas Escrituras jamais fazem menção especial sobre a aparência física de Jesus Cristo.

Como seria a Sua fisionomia? Qual Sua estatura? A cor da Sua pele? Dos Seus cabelos? Dos Seus olhos? Como seria o Seu porte? O timbre da Sua voz? O formato do Seu nariz? As linhas dos Seus lábios? As raras e escassas alusões sobre o Seu físico não nos oferecem condições de estabelecermos os elementos da Sua aparência física.

É impossível fazer-se dEle uma pintura. E dEle não se tem fotografia alguma.

Por que assim quis Deus?

Para que não se fizessem imagens em honra dEle e, por meio delas, Lhe prestar culto. Aliás, em Atos do Apóstolos, a história do Cristianismo primitivo, falta qualquer informação sobre haverem os cristãos daqueles remotos tempos praticado culto a Jesus Cristo utilizando-se de imagens de escultura.

João escreveu o quarto Evangelho já na última década do primeiro século e também nenhuma informação dá sobre o assunto, simplesmente porque aqueles cristãos foram imunes dessa forma idolátrica.

Note-se, de resto, que foi João quem registrou as normas, agora em exame, para o culto a Deus, estabelecidas por Jesus Cristo. Na ocasião do Seu diálogo com a samaritana, ao Lhe explicar as legítimas exigências de Deus para o culto a Si, se permitido fosse o uso de imagens, Jesus, sem dúvida, teria sido explícito. Ele foi, sim, explícito em condenar esse uso, ao exigir o culto, a adoração, EM ESPÍRITO.

SEGUNDA – “EM VERDADE”.

“Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e EM VERDADE” (João 4.23), ensinou o Divino Mestre.

Por que EM VERDADE?

Porque Deus é Deus da Verdade.

“Deus é a verdade” (Deuteronômio 32.4 – Versão Corrigida).

Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, é cheio de verdade (João 1.14). Ele é a Verdade. “Eu sou o Caminho, e a VERDADE, e a Vida” (João 14.6).

E a Verdade nos veio por Jesus Cristo (João 1.17).

Sendo Deus a própria Verdade, e sendo Jesus Cristo a própria Verdade, haveremos de, se for o nosso desejo agradar e obedecer ao Senhor, acatar Sua VERDADE também quanto ao modo de Lhe adorar.

Se por Jesus Cristo nos veio a Verdade, Ele é o nosso Divino Mestre, também capaz e habilitado de nos ensinar a Verdade a respeito da forma com que devemos prestar culto de adoração a Deus.

Os espíritas e os católicos chamam tanto Jesus Cristo de Divino Mestre. E por que não Lhe acatam todos os ensinamentos? Por que, desobedientes, agarrados à idolatria, praticam abominações nos seus cultos falsos? É hipocrisia, com a boca melosa e macia, chamá-lo de Divino Mestre e negar o Seu magistério sacrossanto, desobedecendo os Seus preceitos e recusando-Lhe os ensinos.

Jesus, o Divino Mestre, em Sua oração pelos discípulos, suplicou ao Pai que os santificasse na Verdade: “A Tua Palavra é a Verdade” (João 17.17). A Bíblia, a Palavra de Deus, portanto, como Verdade Divina, é o instrumento do Espírito Santo para a santificação dos discípulos.

Cultuar a Deus é fundamental na vida de santificação. Portanto, o cristão só pode adorar a Deus segundo a Bíblia, Sagrada Escritura. É por isso que no culto cabe a sua leitura e nela se medita como, aliás, o próprio Jesus fazia, deixando-nos exemplo (Lucas 4.17).

Se, em João 4.22-24, o Divino Mestre estabeleceu as condições positivas do legítimo culto a Deus, em Mateus 15.6-9, com veemência, Ele condena o culto a Deus quando se misturam doutrinas de homens. “*Invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim. E em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens*”.

É inútil a adoração a Deus se não Lhe for prestada em Verdade, isto é, de acordo com as normas da Bíblia, a infalível Palavra de Deus.

Diante desta severa advertência de Jesus Cristo, o Divino Mestre, poderão todas as religiões se apresentar como boas porque em suas reuniões se cultua a Deus?

É claro que não, porque muitas delas têm um culto falso. Culto falso por adotar nele ensinos dos seus chefes, do papa, do sacerdote, do médium ou do babalorixá...

Muitas delas nem se empenham em cultuar Deus. Reúnem os seus fiéis já com o propósito definido de praticar abominações.

Nas sessões espíritas, por exemplo, ninguém pensa em adorar a Deus. Ali se reúnem as pessoas precisamente para contrariar os santos preceitos. Deus, em Deuteronômio 18.10-12, com todo o vigor condena as práticas espíritas: *“Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal cousa é abominação ao Senhor”*.

A umbanda fundamenta o seu culto aos “exus” ou demônios neste infernal pensamento: Deus (“oxalá”, como se denomina naqueles redutos) é bom e misericordioso. Ele não se vinga de ninguém e a ninguém faz mal. “Exu”, ou demônio, é ruim e gosta de prejudicar as pessoas. Então, é preciso agradar “exu”, prestando-lhe culto. Agradando-o, ele se torna brando e não nos faz mal. E pode até nos ajudar.

O catolicismo, de sua parte, adulterou o Decálogo no intento satânico de se esquivar da condenação divina à sua abominável idolatria. Suprimiu o segundo mandamento contido em *Êxodo 20.4-5*.

Os espíritas, os umbandistas, os católicos, os macumbeiros são abomináveis ao Senhor. A religião deles é perversa, hedionda. O culto deles é culto de demônios.

“Que digo, pois? Que o sacrificado ao ídolo é alguma cousa? Ou que o próprio ídolo tem algum valor? Antes, digo que as cousas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus” (1^a Coríntios 10.19-20).

E, após estas expressões incisivas, Paulo Apóstolo exclamava aos crentes coríntios: *“E eu não quero que vos torneis associados aos demônios”*.

No espiritismo, no catolicismo, na umbanda, na macumba o culto não é a Deus, mas aos demônios.

Ainda mais! Se todos os cultos fossem válidos e, em consequência, por Deus aceitos, já teria deixado de existir o diabo porque o diabo também

adorou Jesus Cristo e, antes mesmo dos discípulos do Mestre, o maligno reconheceu a Messianidade dEle.

Com efeito, em Cafarnaum deparou-se Jesus com um endemoninhado e o espírito imundo clamava: “*Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Viste para perder-nos? Bem sei quem és: O Santo de Deus!*” (Marcos 1.24).

Depois de haver curado a sogra de Pedro, Jesus, em Cafarnaum, “*expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem Ele era*” (Marcos 1.34). “*Também os espíritos imundos, quando O viam, prostravam-se diante dEle e exclamavam: Tu és o Filho de Deus!*” (Marcos 3.11). “*Ele, porém, os repreendia para que não falassem, pois sabiam ser Ele o Cristo*” (Lucas 4.41).

Jesus repelia esta adoração porque falta ao diabo, “*o pai da mentira*” (João 8.44), possibilidade e capacidade para tributar a Deus culto verdadeiro.

Esse Satanás, impossibilitado por sua própria natureza pervertida de cultuar legitimamente a Deus, monta as falsas religiões para perturbar os retos caminhos do Senhor e enganar os pecadores a ele escravizados.

Deus é ESPÍRITO. Deus é a VERDADE.

Como ESPÍRITO, Ele quer adoradores que O adorem em espírito...

Como VERDADE, Ele quer adoradores que O adorem em verdade...

Há de ser espiritual o culto a Ele prestado. Espiritual porque a idolatria é abominação ao Senhor.

Há de ser em verdade o culto a Ele tributado. Em verdade porque a mentira, própria do diabo, é insulto à Santidade Infinita.

.oOo.

TODOS OS CAMINHOS CONDUZEM AO CÉU?

Dizem que todos os caminhos vão a Roma. Assim também, todas as religiões levam a Deus.

Aquele ditado antigo hoje perdeu a sua razão de ser. Ao tempo do Império Romano, todas as estradas rasgadas pelo mundo conhecido da época se destinavam à *Urbe*, o grande centro dominador de todas as

nações. Se hoje nem todas as estradas aqui no Brasil terminam em Brasília, a capital de nosso País, muito menos se encaminham para Roma, tendo-se, outrossim, em conta o Oceano Atlântico a nos separar do continente europeu.

Recorrer-se, pois, a esse ditado vencido para se defender a legitimidade de todas as religiões como caminhos conducentes ao céu, é, de fato, proclamar a desvalia intrínseca de sua pretensão. Se os caminhos todos não se destinam a Roma, nem todas as religiões encaminham os seus fiéis ao céu.

Com ares de conheedores da Bíblia, os adeptos da validade de todas as religiões recorrem à palavra de Jesus Cristo, registrada em João 14.1-2: *“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar”*.

Na oportunidade da última Páscoa, encontrava-se o Mestre com os apóstolos reunidos e, depois de lhes ter lavado os pés (João 13.1-20), *“angustiou-se Jesus em espírito”* (João 13.21) e, com a saída de Judas Iscariotes, passou a falar-lhes de Sua próxima partida. Em palavras repassadas de ternura, incentiva-os a não se deixarem dominar pelo medo. Exorta-os à fé em Deus e nEle, pois iria preparar-lhes lugar: *“E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também”* (João 14.3).

Nesse cenário emocionante de despedida foi que Jesus disse: *“Na casa de Meu Pai há muitas moradas”*.

Estas moradas não se equivalem às religiões, como se supõe. É falso pensar-se que cada morada, aí no caso, signifique uma religião. Seria negar toda a Bíblia e o sacrifício de Jesus Cristo.

Além disso, dirigia-se Ele aos Seus discípulos, aos crentes nEle. E não a todos os seguidores de todas as religiões.

Ele não se dirigiu, ao mencionar as moradas celestiais, aos fiéis do judaísmo, por exemplo.

Essas moradas, portanto, são preparadas por Jesus Cristo exclusivamente para os crentes nEle.

A expressão *“morada”* significa o céu, onde há lugar para todos quantos aceitam Jesus Cristo como Salvador único e todo-suficiente. Paulo, em sua Segunda Epístola aos Coríntios, assim reconhece: *“Aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial”* (5.2).

O céu, morada ou habitação dos salvos por Cristo, também é comparado à cidade: *“A nossa cidade está nos céus”* (Filipenses 3.20 – Versão Corrigida).

Ah! Todas as religiões são boas porque todas falam o Nome de Deus, é o argumento.

Argumento estapafúrdio. Estapafúrdio é falso. Falsíssimo porque o próprio diabo fala e repete o Nome de Deus e de Jesus. E nem por isso escapa de sua condição desgraçada de diabo, de maligno, de “*pai da mentira*”, como afirmou Jesus (João 8.44).

“*Que temos nós contigo, ó Filho de Deus?*” (Mateus 8.29) clamavam os demônios que, expulsos do moço gadareno, se introduziram na manada de porcos (Mateus 9.28-34).

Ao espírito imundo que bramava: “*Bem sei quem és: O Santo de Deus!*”, Jesus repreendeu: “*Cala-te*” (Lucas 4.34-35).

Em Filipos, Paulo Apóstolo e Silas pregavam o Evangelho quando o espírito maligno (um “*espírito de adivinhação*”), entrando numa jovem anunciaava: “*Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação*”. “*Paulo, já indignado*”, porém, repreendeu-o, expulsando-o (Atos 16.17-18).

Aplica-se ao seguidor daquele falso argumento a observação divina: “*Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem*” (Tiago 2.19).

Jesus, o Divino Mestre, dirigindo-se aos confiantes naquele argumento iníquo é peremptório, decisivo e definitivo: “*Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus. Muitos naquele dia, hão de dizer-Me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em Teu Nome, e em Teu Nome não expelimos demônios, e em Teu Nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade*

Pronunciar-se o sacrossanto Nome de Deus e de Jesus sem se submeter à Sua soberana vontade expressa nas Sagradas Escrituras torna-se, portanto, em motivo de maior condenação.

A essa gente Jesus dá uma severa repreensão: “*E por que Me chamas Senhor, Senhor, e não fazeis o que Eu digo*” (Lucas 6.46).

Se Ele é o Senhor, cabe-nos obedecer-Lhe. E pronto!

Seguir-se o estapafúrdio argumento é enganar-se com “*falsos discursos*” (Tiago 1.22).

A Jesus alguém perguntou: “*Senhor, são poucos os que são salvos? Respondeu-lhes: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois Eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos a porta, Ele vos responderá: Não sei donde*

sois. Então, direis: Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas. Mas Ele vos dirá: Não sei donde vós sois; apartai-vos de Mim, vós todos os que praticais iniquidades. Ali haverá choro e ranger de dentes quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora” (Lucas 13.24-28).

Àquelas virgens insensatas da parábola (Mateus 25.1-13) de nada adiantou o ficarem clamando: “*Senhor, Senhor, abre-nos*”, porquanto o Senhor lhes declarou: “*Em verdade vos digo que não vos conheço*”.

Um dos santos preceitos mais desprezados e conspurcados é o terceiro: “*Não tomarás o Nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu Nome em vão*” (Êxodo 20.7).

Acaso as religiões montadas sobre tradições, magistérios eclesiásticos, revelações mediúnicas, mensagens de “entidades”, por isso mesmo desobedientes às Sagradas Escrituras, a Bíblia, a única e exclusiva Regra de Fé, não tomam criminosamente o Nome de Deus em vão?

Usam o sacrossanto Nome e rejeitam a vontade divina.

Acaso não tomam o Nome de Deus em vão os espíritas, ao invocarem os mortos?

Mas “*o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu Nome em vão*” (Êxodo 20.7).

Acaso não tomam o Nome de Deus em vão os macumbeiros, ao prestarem culto aos “exus”?

Mas “*o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu Nome em vão*” (Êxodo 20.7).

Acaso não tomam o Nome de Deus em vão os católicos ao recorrerem aos chamados santos, ao rezarem pelas almas, ao se prosternarem diante das imagens, ao adorarem a hóstia, ao se valerem dos seus sacerdotes, supostos intermediários entre eles e Deus?

Mas “*o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu Nome em vão*” (Êxodo 20.7).

Para desgraça destes tempos desgraçados, os sagrados Nomes de Deus e de Jesus Cristo têm sido vilipendiados também em músicas profanas, cantadas por línguas pastosas de álcool e de tóxicos lupanares e nos lugares sórdidos do mundo cão.

Porventura os toxicômanos, as prostitutas seminuas dos “inferninhos” e os cantores, “ídolos” diabólicos das TVs, serão tidos por inocentes porque as suas músicas relinchadas e esganiçadas, autênticas guincharias, repetem o Nome de Deus e de Jesus Cristo?

Admitir-se a possibilidade de salvação em favor dos seguidores de todas as religiões porque em todas elas se pronuncia o Nome de Deus é

dar um atestado de rematada ignorância. É demonstrar absoluta falta de fé em Deus Verdadeiro e infinitamente Santo.

E lá vem outra evasiva porque, cegos no pecado, querem os fiéis das falsas religiões permanecer nelas: E a pessoa sincera, a pessoa que, com sinceridade, boa fé e reta intenção segue qualquer religião, por acaso irá perder-se no inferno?

Mas, “*Deus é a Verdade*” (Deuteronômio 32.4 – Versão Corrigida) e “*guarda a verdade para sempre*” (Salmo 146.6 – Versão Corrigida), poderá Ele aceitar a sinceridade no erro?

Nós, que não somos a Verdade, recusamos?

Sim! Nós repelimos essa sinceridade.

Um fato para ilustrar!

Suponhamos que José seja amicíssimo de João, um grande e honestíssimo comerciante. São vizinhos. Passeiam juntos. Um entra na casa do outro sem se anunciar à porta.

José chega na loja do seu íntimo amigo João e lhe faz uma grande compra.

O comerciante relaciona numa coluna os preços de cada mercadoria separada por José e empilhada no balcão. Faz a sua soma total. Deu R\$ 5.520,00. José desembolsa o dinheiro e paga. Paga sem conferir a conta.

João é muito honesto. Honestíssimo, já se enfatizou. Sincero à toda prova em sua amizade ao José. Tão honesto e sincero que jamais lhe passou pelos miolos enganar o seu amigo. Tão sincero na sua honestidade que entrega ao José o papel da conta.

Lá em casa, de noite, só para encher o tempo, antes do sono chegar, o José vai verificar como anda a sua capacidade de somar, operação aritmética aprendida em sua longínqua infância.

E constata: O João errou na soma. Ao invés de R\$ 5.520,00 ela dá R\$ 5.320,00.

Soma de novo. E ressoma... Impossível escapar à evidência: João, de fato, se enganou.

Errou. Porém, foi sincero. Tão sincero que entregou ao amicíssimo freguês o papel da conta feita, cobrada e recebida.

O amicíssimo freguês reconhece essa honestidade. Essa sinceridade.

Pergunto: O José aceitará a situação? Perderá os R\$ 200,00 cobrados e recebidos a mais por João? José aceitará a sinceridade do erro?

Você aceitaria?

Embora constrangido, pedindo mil desculpas, retorna à loja o José para reaver os reais pagos a mais.

E por que Deus haveria de aceitar a sinceridade do erro?

Em nome da ignorância?

E, no caso da salvação do pecador, desde quando a sua ignorância o escusa?

Se a ignorância escusasse o pecador, seria ela meio de salvação e Jesus Cristo nem precisaria vir a este mundo, e muito menos derramar Seu sangue e morrer numa cruz.

Deus teria deixado de se revelar à humanidade. Teria deixado o pecador na ignorância.

Mas, perante Deus, a própria ignorância é motivo de condenação, porque “*entenebrecidos no entendimento, SEPARADOS DA VIDA DE DEUS PELA IGNORÂNCIA QUE HÁ NELES, pela dureza do seu coração*” (Efésios 4.18 – Versão Corrigida).

Pela IGNORÂNCIA estão SEPARADOS de Deus, isto é, perdidos.

E, segundo Paulo Apóstolo, são INESCUSÁVEIS (Romanos 1.18-32).

Se a ignorância isentasse o pecador da perdição eterna, Jesus não teria comissionado os Seus discípulos a pregar o Evangelho a todas as nações (Mateus 28.18-20).

Se o ignorante pudesse, pela sua ignorância, se salvar, teria se contradito Jesus Cristo quando, sem outra apelação, exige arrependimento: “*Se vos não arrependedes, todos igualmente pereceréis*” (Lucas 13.3, 5).

Diz a Escritura em Hebreus 11.6 que “*sem fé é impossível agradar a Deus*”. Ora, como pode crer o ignorante? Portanto, ele está impossibilitado de agradar a Deus.

Ainda afirma a Bíblia, Palavra de Deus: “*Tudo o que não provém de fé é pecado*” (Romanos 14.23). Se o ignorante não pode ter fé, vive em pecado. Como, então, poderá salvar-se?

Cornélio de Cesareia era um homem profundamente religioso: “*Piedoso e temente a Deus com toda a sua casa e que fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus*”. Sensível, praticava boas obras fazendo “*muitas esmolas ao povo*” (Atos 10.2).

Ele, porém, na sua religião, apesar de crer sinceramente em Deus, ignorava Jesus Cristo e, estava, portanto, perdido.

Cornélio era perdido. O anjo que lhe falou em visão, disse-lhe: “*O qual [Pedro] te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa*” (Atos 11.14).

Se disse assim é porque se encontrava perdido, condenado.

E, ao ser anunciado Jesus Cristo, Cornélio se libertou da ignorância, causa do seu pecado de incredulidade em Cristo e, consequentemente, de

sua perdição. Cornélio aceitou pela fé Jesus Cristo como seu Salvador, segundo a Palavra de Deus, e foi salvo.

Não o salvava a religião. Não o salvaram as devoções. Não o salvaram as esmolas. Não o salvava a ignorância!

Salvou-o, sim, Jesus Cristo, em cujo Nome creu e, em consequência, recebeu o perdão dos seus pecados, inclusive o de ignorância.

Cornélio de Cesareia, sem desculpas, sem evasivas, mas com propósito de coração e plena deliberação de consciência, aceitou a mensagem do Evangelho: *“DEle [Jesus Cristo] todos os profetas dão testemunho de que, por meio do Seu Nome, todo aquele que nEle crê recebe remissão de pecados”* (Atos 10.43).

“E não há salvação em nenhum outro [a não ser em Jesus]; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4.12).

Nem pelo nome da ignorância, apesar de cercada da maior sinceridade, o pecador poderá ser salvo.

Absurdas as desculpas e incongruentes os supostos argumentos em prol da informação de que todas as religiões são boas, porque todas encaminham os seus fiéis à salvação eterna.

À luz da Bíblia e por exigência da razão e do próprio bom-senso, são absurdas aquelas desculpas e incongruentes aqueles supostos argumentos.

As religiões podem encher com a pompa do seu ritualismo os olhos dos seus espectadores. Podem enfeitar o berço de um recém-nascido com o chamado “batismo infantil”, ocasião oportuna para “comes-e-bebes”. Podem pretextar lindas festas e promover vaidades nas cerimônias de casamento. Podem solenizar os sepultamentos. Podem propiciar encontros sociais. Podem endossar aos consumidores as propagandas das lojas comerciais bentas com rezas estereotipadas e recitadas na inauguração. Podem sugerir a presença de mais um ator nas novelas de televisão. Podem inspirar palavras doces nas horas de tristeza. Podem tudo isso, e talvez mais alguma coisa.

Religião alguma, porém, conduz quem quer que seja ao céu.

Religião alguma é caminho para o Pai.

O único, o exclusivo e todo-suficiente caminho da salvação é Jesus Cristo. “Eu” – disse Jesus – *“Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida; NINGUÉM VEM AO PAI SENÃO POR MIM”* (João 14.6).

TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS PORQUE TODAS ACONSELHAM A FAZER-SE O BEM

É o outro argumento muito em voga.

Cada um fique na sua religião, pois todas as religiões são boas. Todas são boas porque todas só mandam fazer o bem e nenhuma aconselha os seus seguidores a praticar o mal. Nenhuma religião manda roubar ou matar. Todas só mandam praticar o bem.

Quem desse argumento se utiliza demonstra a sua supina ignorância da História.

A truculenta “Santa Inquisição” enche as páginas da História com os seus calabouços, os seus crimes, os seus horrores. Quanto sangue ela derramou! Quantas centenas de milhares de crentes evangélicos foram vítimas da sua sanha sanguinária!

Muitos papas se sobressaíram pela sua ferocidade. E, graças a eles, o catolicismo romano conseguiu na Idade Média o seu apogeu. À custa dos seus bárbaros crimes se impôs o romanismo à subserviência dos povos.

A doutrina do catolicismo, ainda hoje, porque “Roma é sempre a mesma” e cada vez mais a mesma, a doutrina do catolicismo autoriza matar e fazer toda sorte de males contra quem não lhe aceita os dogmas. Se hoje rarearam as suas perseguições pela violência é porque o ambiente social embarga-lhe a fúria.

O princípio jesuíta: O FIM JUSTIFICA OS MEIOS, tão entranhadamente enraizado em sua moral imoralíssima, facilita-lhe a sede sanguinária e a ganância pantagruélica.

Para sua exaltação, os seus sacerdotes assassinam, mandam matar, roubam e mandam roubar. Tudo é lícito, contanto que a “Mãe Igreja” seja engrandecida e respeitada.

Os seus clérigos vendem sacramentos dos quais descrêem. Vendem indulgências das quais ridicularizam. Vendem missas que, semelhantes a autômatos, rezam em favor das almas do purgatório, a cozinha deles. Vendem bêncãos para fanatizar os seus fiéis. Vendem mentiras. E isso não é roubo?

Herdeiros dos fariseus, criadores dos judaizantes (Atos 15.1, 5), incorrem na denúncia de Paulo Apóstolo porque ensinam “*o que não devem, por torpe ganância*” (Tito 1.11).

Acaso deixa de ser roubo a mistificação dos incautos, promovida pela umbanda? Os crédulos que procuram os seus “terreiros” fazem despesas para os “despachos” inúteis, propostos e exigidos pelos médiuns e babalorixás, conscientes do embuste. Nessas despesas despendem dinheiro. E muitos deles, suas magras e suadas economias, na ânsia de se libertarem de um problema. E isso não é roubo? Induzir-se o próximo a gastos inúteis, prometendo-lhe “proteção” de “entidade” é falcatrua e maroteira.

As religiões assassinam! Quantas vezes a imprensa noticia a morte de uma criança pelos próprios pais, em atendimento à ordem de uma “entidade”!

A religião umbandista tem a sua linha chamada do mal. Visa ela fazer especificamente o mal. Nesse intento, impõe os “despachos” mais estúpidos aos seus fiéis, ansiosos por prejudicar os outros.

Há pouco tempo, um carro que, em alta velocidade, depois da meia-noite, corria na frente da avenida de um cemitério dos subúrbios de São Paulo, atropelou uma mulher. Aberta a sacola da morta, encontraram-se as suas vestes brancas de macumbeira e as bugigangas do culto umbandista. A pobre saía naquela hora do cemitério, onde estivera a cumprir as “obrigações” determinadas pelos “exus”, tendo em vista os malefícios contra um desafeto de algum cliente do seu “terreiro”.

Boas as religiões porque nenhuma manda fazer o mal?

Suponhamos, contudo, a hipótese que nenhuma religião mata ou manda matar. Que nenhuma rouba ou manda roubar. Estariam elas inocentadas? Não estariam mais autorizando o mal?

Afinal, o que é o mal?

Será mal apenas matar? Será mal apenas roubar?

Qual é o supremo mal?

A morte é um mal. A fome é um mal. A doença é um mal. A falta de paz é um mal.

Qual, porém, o maior de todos os males?

O supremo mal é o pecado.

O pecado é o supremo mal porque ofende e ultraja a Deus.

O pecado é o supremo mal porque prejudica, corrompe, degrada quem o pratica.

O pecado é, ainda, o supremo mal porque condena o pecador ao inferno.

O grande, o verdadeiro mal é o pecado. E o mal de repercussões eternas, se dele não nos libertarmos ainda nesta vida.

Pois bem, tudo quanto promove este tremendo mal é ruim. É perverso.

Perverso é o cinema, se corruptor. Perversa é a televisão, se corruptora. Perversa é a instituição, se promotora do pecado. Perversa é a religião, se sua causadora.

Em Apocalipse 22.15, Jesus, o Divino Mestre, afirma: *“Fora [do céu] ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo que ama e pratica a mentira”*.

As prostitutas estão impedidas de entrar no céu porque a prostituição é pecado. Acontece-lhes, portanto, uma grande e eterna desgraça.

O céu deixaria de ser céu se nele penetrassem as meretrizes.

Os assassinos, por sua vez, também são barrados na sua entrada do céu, porque o homicídio é pecado. E o céu deixaria de ser céu se desse guarida aos assassinos.

Os mentirosos, igualmente, estão impossibilitados de terem parte na Glória celeste. Ficará de fora qualquer *“que ama e pratica a mentira”*. Porque mentira é pecado.

Que mentira?

Toda ela.

Mas e a “mentira branca”? A que não prejudica ninguém?

Também essa! “Mentira branca” é uma desculpa engendrada pelo diabo para prejudicar o pecador.

Jesus não faz distinção alguma quanto à mentira. Essa informação de que a mentira é pecado venial, ou insignificante, é embuste do papa.

A mentira é pecado tão grave como a prostituição e o assassinato porque ela torna indigno e incapaz de entrar no céu quem a comete.

Quem admite na mentira a “parvidade da matéria”, como dizem os padres, isto é, ser pecado apenas venial, é porque o seu deus não é o Verdadeiro Deus. É um simulacro de Deus. É um deus-mentira!

O Deus revelado nas Sagradas Escrituras é Deus-Verdade. Se Ele é a Verdade, torna-se intolerável para Ele a mentira. E se o pecado é sempre um ultraje à Sua santidade infinita, segue-se que a mentira – toda ela – por ser pecado, é sempre grave.

Há mais, ainda! A mentira é sempre grave porque temos todos os direitos à Verdade em todos os sentidos e sempre. A criancinha, por ser pessoa humana, tem também o direito à Verdade. Comete, pois, grave falta a mãe que mente ao seu filho. Falta-lhe ao amor, além de lhe faltar ao respeito.

A teologia católica foi buscar no inferno essa anomalia, essa aberração, da diferença entre pecados graves e pecados veniais ou leves, incluindo-se entre estes últimos a mentira. A Bíblia, em parte alguma, oferece base para esse ensino.

Como resultado, ocorre, numa constância estarrecedora, o fato de ser sempre muito baixa a moralidade pública onde o clero católico predomina na liderança religiosa do povo.

A religião, como o catolicismo, que admite ser insignificante o pecado da mentira, é falsa e má por causar um hediondo mal contra os seus seguidores.

Se as meretrizes, se os assassinos e se os mentirosos são indignos e impossibilitados de entrar no céu, morada do Deus Santíssimo, os cães, da mesma forma, lá jamais encontrarão guarida.

E quem são esses cães?

Os judeus antigos consideravam cães aos gentios, os outros povos de outras raças. No livro do Apocalipse e nas Epístolas de Paulo Apóstolo, contudo, os cães são os chamados judaizantes, isto é, aqueles fariseus vindos para o seio do Cristianismo e que exigiam a prática das obras da Lei, como a circuncisão, além da fé em Jesus Cristo, para o pecador ser salvo (Atos 15.1, 5).

Em sua Carta aos Filipenses, ao recordar-lhes: “Acautelai-vos dos cães!” (3.2), a eles se referia Paulo.

A exigência judaizante é a tese fundamental da doutrina católica, porquanto esta, além da fé em Cristo, quer que o pecador se auto-salve, merecendo o perdão dos seus pecados através da prática de obras e se submeta a determinados ritos religiosos por ela denominados de sacramentos, chegando ao cúmulo de considerar o seu “batismo infantil” como sucedâneo da circuncisão israelita.

Cães, na conformidade com a advertência de Paulo e a palavra vigorosa de Jesus, são os pregadores e seguidores do antievangelho. São os judaizantes e os católicos. Querem estes crer em Cristo, mas requerem obras e sacramentos para a salvação do pecador porque, para eles, a fé somente é insuficiente e Cristo não é o único e todo-suficiente Salvador.

Se aos cães é impossível lugar no céu, a religião que os cria será boa?

Jesus, ainda, afirma em Apocalipse 22.15, que são incapazes de transpor os páramos celestes os feiticeiros.

Então, a feitiçaria é um mal causador do grande e irreversível mal da perdição eterna.

Qual o significado, porém, da feitiçaria?

Feitiçaria é uma prática pela qual se atribuem efeitos sobrenaturais a elementos materiais ou de ordem natural.

Alguns exemplos facilitam a compreensão.

Se alguém usa uma medalha, seja lá de que “santo” ou “senhora” for, pendurada no pescoço, para ter sorte e ficar livre de influências maléficas, pratica feitiçaria, pois confia num objeto material (no caso, a medalha), como se tivesse ele um poder acima do natural.

Muitos, com a mesma intenção, usam na porta da sua casa uma ferradura de cavalo; no bolso, uma pata de coelho; na sala, um vaso com a planta chamada “espada de São Jorge”; na parede do terraço, uma imagem entronizada num nicho... Tudo isto é feitiçaria.

Consoante a advertência de Jesus, quem nessas coisas crê estará excluído do céu.

Pergunta-se, então: E a religião que tal coisa ensina e promove é boa?

O catolicismo e o espiritismo, em todas as suas seitas ou grupos, se especializam em fomentar a desgraça da feitiçaria. Pobres dos seus fiéis!

Na Jerusalém Celeste falta lugar também para os idólatras. Já verificamos neste livro o que é idolatria.

Ao longo das Sagradas Escrituras, Deus invectiva a idolatria, o culto de imagens, por exemplo, com as expressões mais duras. Picha-a de vaidade, de mentira, de adultério, de prostituição.

E a religião que a pratica e a incentiva? Que benze imagens? Que prega a devoção aos cognominados “santos”? Que impõe submissão ao papa? Que encomenda defuntos? Que propaga a mariolatria? Que leva seus fiéis a adorar uma hóstia de farinha de trigo como se adora ao próprio Jesus Cristo?

Será boa essa religião, absolutamente contrária aos ensinos da Palavra de Deus e de Jesus Cristo, o Divino Mestre?

Quem de bom-senso pode supor boas todas as religiões?

É sandice refinada admitirem-se como boas todas elas.

Jamais Jesus Cristo mandou respeitar a religião dos outros.

Em toda a Bíblia só se encontram sérias advertências para se fugir das religiões abomináveis, como as mencionadas neste livro, e pelos motivos apresentados.

Se elas se constituem em abominação ao Senhor, pelas iniquidades que promovem, aceitá-las é incorrer também em abominação.

CAIM, PADROEIRO E GUIA DOS SEGUIDORES DAS FALSAS RELIGIÕES

De certo, existe um propósito de Deus ao registrar, no quarto capítulo de Gênesis, a história de Caim.

É o primeiro filho de Adão e Eva, e seu nome significa “aquisição”. Supondo ser ele o descendente da mulher, prometido pelo Senhor (Gênesis 3.15), Eva, no nascimento dele, disse: *“Adquiri um varão com o auxílio do Senhor”* (Gênesis 4.1).

Nasceu-lhe depois, um outro filho, ao qual pôs o nome de Abel.

“Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador” (Gênesis 4.2).

Caim – saliente-se – era um homem profundamente religioso. Acreditava em Deus e praticava a sua religião. Tanto a praticava que do fruto da terra, da colheita da sua lavoura, oferecia dons ao Senhor (Gênesis 4.3).

A religião de Caim, contudo, era falsa. Fora da sintonia com a vontade de Deus porque afinada com os pontos-de-vista do filho mais velho de Adão e Eva.

Em 1^a João 3.12, somos informados de que ele *“era do Maligno”*. Era do diabo, apesar de ser muito religioso, e religioso praticante.

Era do diabo exatamente porque seguia uma religião falsa, embora cresse em Deus. Falsa por prestar falso culto ao Senhor.

E Deus abomina o culto falso.

Se Caim, em sendo do maligno por praticar uma religião má, prestava culto falso a Deus, em decorrência, *“as suas obras eram más”* (1^a João 3.12). A religião é a inspiradora e a norteadora da conduta. Se o indivíduo segue a verdadeira fé, a sua conduta só pode ser boa. E, se segue a falsa, o seu comportamento é errado.

Muitas pessoas leem apressadamente as Sagradas Escrituras e depois se saem com perguntas descabidas, próprias de quem é jejuno nas coisas da Bíblia, apesar de lê-la.

Tenho ouvido muitas vezes a seguinte observação: Deus devia ter uma predileção especial por Abel e preconceito contra Caim, pois, se cada um ofereceu do que tinha, do produto do seu trabalho, por que Deus aceitou de bom grado a oferta de Abel e rejeitou a de Caim?

Teria sido Deus parcial? Feito acepção de pessoas?

Ambos, Caim e Abel, em culto a Deus, entregaram-Lhe dons. “Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e da sua oferta não se agradou” (vs. 4 e 5).

A Bíblia se explica por si mesma!

Em Hebreus 11.4, encontra-se a elucidação da aparente dificuldade: “Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala” (Hebreus 11.4).

O culto prestado por Abel foi por fé. Fé em Deus. Fé que significa obediência e submissão.

Abel, motivado pela fé, a Deus ofereceu “das primícias do seu rebanho e da gordura deste” (Gênesis 4.4). A oferta agradou ao Senhor por haver sido feita de acordo com a vontade soberana do Senhor.

Com efeito, a justificação só se alcança pelo sangue. “Sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hebreus 9.22).

Adão e Eva, após pecarem, envergonhados, tentaram ocultar o pecado, cobrindo-se de folhas.

Essa cobertura feita por eles foi desprezada por Deus, que os cobriu com túnicas de peles (Gênesis 3.7, 21).

As túnicas de peles evidentemente foram obtidas mediante o sacrifício cruel de animais inocentes.

Caim e Abel, por certo, foram esclarecidos por seus pais a respeito de todos esses assuntos e sabiam que Deus requeria o derramamento de sangue inocente. Abel, obedecendo à fé, ao oferecer dons ao Senhor, submeteu-se à Sua vontade, enquanto Caim preferiu prestar-Lhe um culto segundo os seus caprichos pessoais.

Desde os primórdios, Deus enfatizou a imprescindibilidade do sangue na redenção.

Os sacrifícios do Antigo Testamento, em seu simbolismo, profetizavam a morte cruenta de Jesus Cristo, mantendo assim o povo na expectativa do redentor prometido em Gênesis 3.15.

O Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, no decurso daqueles séculos, foi tipificado, figurado, simbolizado pelo cordeiro abatido nos sacrifícios da antiga Lei.

À oferta de Caim careceu o sangue porque o seu doador, inspirado pelo maligno, preferiu atender aos seus caprichos pessoais, ao invés de se submeter docilmente à vontade do Senhor.

Ao ver-se inferiorizado, pois sua oferta falhara em seu propósito, “*irou-se, pois, sobremaneira Caim, e descaiu-lhe o semblante*” (Gênesis 4.5).

Os seguidores das falsas religiões, cujo padroeiro é Caim, comportam-se de modo idêntico. Seguindo o seu guia, praticam uma religião alheia à vontade de Deus e teimam na obstinação de serem aceitos pelo Senhor.

Se Deus rejeitou a oferta de Caim, rejeitou também a pessoa dele. Ao repelir as falsas religiões e os falsos cultos, de modo igual, Deus repele os seguidores delas e os praticantes desses cultos.

Já afirmamos – e é fácil constatar-se – que a religião inspira, orienta, norteia a conduta do cidadão.

Caim é um exemplo palpítante dessa constatação.

Entristeceu-se e se encheu de violenta ira.

Neste sentido, também ele é o patrono dos seguidores de falsas religiões porque se revoltam fanaticamente quando contestados à luz das Sagradas Escrituras.

Têm eles usado todos os recursos para extinguir a Bíblia. Queimam-lhe os exemplares. Sacrificam-lhe as mensagens, torcendo, retorcendo e distorcendo o seu sentido. Inferiorizam-lhe o valor inexcedível, ao engendrarem outras fontes de revelação divina às quais cognominam de tradição, magistério eclesiástico, manifestações mediúnicas, revelações de Ellen White, de Joseph Smith e profecias de psicopatas ou embusteiros.

Iram-se contra os crentes em Jesus Cristo e, se impossibilitados pelas circunstâncias de recorrerem à violência, sardônicos, se valem do deboche, do achincalhe e do desprezo. Zombam deles quando lhes ouvem a afirmação de se sentirem seguramente salvos como resultado infalível de sua fé em Cristo Jesus, o único e todo-suficiente Salvador.

Entristecido e cheio de raiva violenta, Caim, ao encontrar Abel no campo, matou-o (Gênesis 4.8).

O falso culto a Deus embrutece o coração do pecador. Insensibiliza-o. Inclina-o para toda sorte de violências.

O pecado, outrossim, sempre se manifesta sob várias formas. Posta uma, as demais lhe seguem.

A primeira forma de pecado em Caim foi um culto falso. Essa produziu o seguinte: o ressentimento e a ira. Estas modalidades de pecado geram o desejo de vingança. E este, o assassinato.

E na corrente trágica das manifestações do pecado na vida iníqua de Caim, “*que era do Maligno*”, o fraticídio não se constitui em elo final, porque a degradação do homicida continua.

“*Onde está Abel, seu irmão?*” (v. 9), inquire-lhe o Senhor Deus.

E o fraticida mente: “*Não sei*”.

Quem pratica o culto falso mente ao próprio Deus. Tanto mente a Deus que considera a mentira um pecado venial ou leve.

O povo, cujo patrono é Caim, é sempre um povo mentiroso. Aliás, o diabo é o pai da mentira, como disse Jesus. Caim, “*que era do Maligno*”, só podia ser mentiroso. E mentiroso ao próprio Deus.

A manifestação seguinte do pecado, da parte do primogênito de Adão, foi escarnecer de Deus: “*Sou eu tutor do meu irmão?*”.

Quantas vezes se ouve esta expressão de escarnecimento de Deus: Se Deus fosse justo, não estaria eu sofrendo desta doença! Não teria morrido meu filho! A minha mãe! O fulano não teria nascido cego ou aleijado!

Se Deus fosse justo!... Quanto se blasfema contra Deus entre os seguidores das falsas religiões, cujo guia e padroeiro é Caim!

Eis a longa corrente: Culto falso, ressentimento, raiva, desejo de vingança, homicídio, mentira, blasfêmia contra o Senhor...

E ela prossegue! Prossegue com o pecado da desconfiança em Deus. É o estágio derradeiro da perdição eterna. “*É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada*” (Gênesis 4.13 – Corrigida), disse Caim ao Senhor.

A sequência dos pecados na vida de Judas Iscariotes culminou na tragédia da desconfiança, da desesperança de perdão... Desesperado, cristalizou-se no pecado, suicidando-se.

Desesperançado do perdão de Deus, Caim empederniu-se no pecado do materialismo prático: “*Edificou uma cidade*” (v. 17).

Desesperançado de sua salvação eterna, na Cidade Santa, estabeleceu a sua cidade neste mundo. Seu coração voltou-se inteira e exclusivamente para as coisas e preocupações materiais.

Este pecado é, neste mundo, o castigo mais terrível dos pecados decorrentes do pecado da falsa religião e dos cultos falsos.

Caim, como patrono dos seguidores das religiões falsas e dos praticantes de falsos cultos, é o modelo dessa pobre massa humana voltada para os prazeres carnais, para as preocupações materiais, que, às romarias, entre os esganiçar de “benditos”, o mascar “ave-marias”, o receber “sacramentos”, o beijar imagens, o participar de “irmãdades”, o celebrar “santos”, o invocar espíritos, o comungar a hóstia, inexorável, caminha para o inferno.

.oOo.

AO TERMINAR, UM CONVITE

O leitor chega ao fim da jornada destas páginas e, por certo, perguntará:

Mas qual é a verdadeira religião? Qual o critério a adotar-se na seleção da verdadeira, entre tantas?

À primeira vista, poderá parecer uma tarefa árdua. Adotando-se, contudo, algumas normas consentâneas com a nossa razão e com a disposição sincera de se aceitar a vontade de Deus expressa na Bíblia, o Seu Santo Livro, tornar-se-á esta busca menos difícil.

Sob alguns itens, sublinharemos aquelas normas:

* O Universo, com todas as suas maravilhas, se constitui na Revelação Natural de Deus. Paulo Apóstolo, com muita propriedade, afirma: *“Os atributos invisíveis de Deus, assim o Seu eterno poder, como também a Sua própria Divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas”* (Romanos 1.20).

Ser inteligente, qualquer pessoa, diante dessa Revelação, pode chegar ao conhecimento de Deus. Por essa razão, *“tais homens são, por isso, indesculpáveis”*.

* Deus ainda se revelou aos homens, falando-lhes muitas vezes e através de acontecimentos extraordinários. Ao falar-lhes, serviu-se de certas pessoas às quais atribuiu, outrossim, determinadas incumbências.

Utilizou-se, por exemplo, de Moisés, no propósito de libertar os israelitas dos ergástulos do Egito. E a Moisés inspirou para registrar em livros a Sua Lei, a manifestação da Sua vontade e o testemunho dos Seus atributos.

Encontramos na Bíblia esses cinco livros, cognominados de Pentateuco, que lhe dão início: Gênesis, Éxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Seguem-se-lhes outros livros históricos e as profecias.

* A Revelação Divina aos homens culminou com a vinda, a este mundo, de Jesus Cristo, em carne. *“Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho”* (Hebreus 1.1-2).

* Se Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, culminou Revelação Divina, Sua missão específica, ao encarnar-se, é a de redimir o pecador. “*O Filho do homem veio buscar e salvar o perdido*” (Lucas 19.10).

* No cumprimento desta incumbência – e para cumpri-la em Sua plenitude – Ele se deixou sacrificar. “*Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o Justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus*” (1^a Pedro 3.18).

* Ao homem pecador é absolutamente impossível a capacidade de, com boas obras e penitências, obter méritos para a sua salvação pessoal. Esta não vem “*de obras, para que ninguém se glorie*” (Efésios 2.9). “*Ninguém será justificado diante dEle [de Deus] por obras da Lei*” (Romanos 3.20). “*Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei*” (Romanos 3.28).

* Dada a depravação íntima do pecador, causa de sua total indigência espiritual, Jesus Cristo, na cruz do Calvário, pagou, ao verter o Seu sangue, preço de infinito valor pelo resgate dele. “*Sabendo que não foi mediante causas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo*” (1^a Pedro 1.18-19).

* Chama-se vicária a morte de Cristo porque Ele a sofreu em nosso lugar. “*Carregando Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por Suas chagas, fostes sarados*” (1^a Pedro 2.24).

* Morto e sepultado, ao terceiro dia, ressuscitou. “*Antes de tudo, vos entreguei*”, afirmou Paulo, “*o que também recebi: Que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras*” (1^a Coríntios 15.3-4).

* Se com a Sua morte vicária nos mereceu a salvação eterna, com a Sua ressurreição no-la garante. “*O qual [Jesus Cristo] foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação*” (Romanos 4.25). “*Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a Sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para*

uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros” (1^a Pedro 1.3-4).

* Ascendido ao céu e à direita do Pai, aguarda a chegada dos que nEle confiam. *“Vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também”* (João 14.2-3).

* À direita do Pai, é Ele o nosso único Mediador e Advogado. *“Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a Si mesmo se deu em resgate por todos”* (1^a Timóteo 2.5-6). *“Temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados”* (1^a João 2.1-2).

* Sendo Jesus Cristo o Redentor, é o único todo-suficiente e exclusivo Redentor, cujo sangue nos purifica de todo o pecado. *“O sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado”* (1^a João 1.7). *“E não há salvação em nenhum outro [a não ser em Jesus Cristo]; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”* (Atos 4.12). Disse Jesus: *“Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim”* (João 14.6).

* O pecador é salvo por Ele quando se arrepende e O aceita como único e todo-suficiente Salvador, segundo as Escrituras. *“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”* (Mateus 4.17), proclamava Jesus. *“Se não vos arrependedes, todos igualmente pereceríeis”* (Lucas 13.3, 5), insistia o Divino Mestre. *“Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3.16). *“Quem nEle crê não é julgado; o que não crê já está julgado”* (João 3.18).

* O único e exclusivo instrumento pelo qual Deus nos concede a vida eterna é a fé em Jesus Cristo, como único e todo-suficiente Salvador. *“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado”* (Gálatas 2.16).

* Pelo fato de aceitar pela fé – e EXCLUSIVAMENTE PELA FÉ – a Cristo como único e todo-suficiente Salvador, salvo está o pecador e selado

nesta salvação. “*Tendo nEle também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa*” (Efésios 1.13).

* Nessas condições, o salvo pelo poder de Deus goza da vida eterna. O adjetivo ETERNA tem, neste caso, também o seu significado pleno. A vida que Jesus dá ao crente nEle é ETERNA. É para sempre! “*Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da Minha mão*” (João 10.28), disse Jesus.

Ao final do capítulo oitavo da sua Epístola aos Romanos, Paulo Apóstolo, sobre esta segurança e eternidade da salvação do crente, em arroubos de alegria, exclama: “*Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de Ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas cousas, porém, somos mais que vencedores, por meio dAquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as cousas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor*” (Romanos 8.33-39).

* Na alegria desta salvação ETERNA, o crente se submete ao Senhor, dando, através do batismo, o testemunho público de sua fé.

No dia de Pentecostes, ao ouvirem a mensagem do Evangelho, perguntaram: “*Que faremos, irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados... Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados*” (Atos 2.37-41).

Em Filipos da Macedônia, igualmente aceitaram o batismo logo após a conversão a vendedora de púrpura, Lídia, e o carcereiro (Atos 16.14, 15, 33).

* Passando pelo batismo, consoante a vontade de Jesus Cristo, o crente se integra na igreja local, que é a família dos filhos de Deus.

Logo após o batismo, no dia de Pentecostes, os batizados passaram a fazer parte da Igreja (Atos 2.41).

Lendo-se Atos dos Apóstolos, com facilidade se constata a enorme multiplicação de igrejas, na medida em que almas se rendiam a Jesus Cristo. *“A Igreja, na verdade, tinha paz... edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número”* (Atos 9.31).

À luz destas normas, estruturadas nas Sagradas Escrituras, encontra-se o genuíno e legítimo Cristianismo, que se espalha pela terra em milhares de igreja locais. É evidente, portanto, que uma igreja só é verdadeira e legítima quando composta de salvos porque crentes, segundo as Escrituras, em Jesus Cisto.

Se ela é composta de pessoas salvas, baseia-se exclusivamente na Bíblia, como a sua única Regra de Fé e Prática Espiritual. Por conseguinte, o seu soberano e exclusivo Senhor é Jesus Cristo, sem que se interponha entre Ele e os crentes qualquer hierarquia sacerdotal.

Nessa Igreja de Cristo, o culto é *“em espírito e em verdade”* (João 4.24). Somente Deus é adorado e venerado, por ser o único Senhor. Exclui-se, portanto, toda e qualquer representação material de Deus através de imagens de escultura. Exclui-se todo e qualquer culto a outros personagens, como aos chamados “santos”.

Nessa Igreja de Cristo não se reza pelas almas dos defuntos porque, sendo de valor infinito o sangue de Cristo, que nos purifica e purga de todo o pecado, é inadmissível o purgatório. E, não havendo purgatório, por que sufragar mortos?

Nessa Igreja de Cristo não se invocam espíritos do além, o que é abominação ao Senhor.

Nessa Igreja de Cristo só Cristo é exaltado como único Redentor, único Mediador, único Sacerdote, sem se interporem outros mediadores, medianeiras ou outros sacerdotes.

Nessa Igreja de Cristo os salvos se edificam mutuamente, louvam ao Senhor em cultos autênticos, ouvem e examinam a Palavra de Deus, oram e crescem na graça e no conhecimento de Jesus Cristo.

Eis, agora, o convite!

Deus *“deseja que todo os homens sejam salvos”* (1^a Timóteo 2.4). O nosso nobre leitor, portanto, está incluído na vontade salvífica de Deus.

Arrependa-se! E, pela fé, aceite Jesus Cristo como seu único e todosuficiente Salvador! Confie no Seu sangue divino, vertido no Calvário para a remissão dos pecados praticados pelo leitor.

Confiante e crente em Jesus Cristo, aceite, em obediência ao Salvador, o batismo bíblico e ligue-se à Igreja, fiel à Bíblia e à Palavra de Deus.

Fui sacerdote católico romano durante quinze anos. Como padre, sinceramente busquei a salvação de minha alma. Em minha biografia (ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!) relato muitos fatos de minha vida ansiosa, à procura de salvação. Convertido a Jesus Cristo, nEle encontrei paz espiritual, na segurança inabalável de salvação eterna por Jesus Cristo, abandonei todas as práticas e doutrinas religiosas condenadas por Deus em Sua preciosa Palavra e, atendendo à determinação de Jesus Cristo, batizei-me.

Dou este sucinto testemunho no desejo de estimular o leitor a examinar sua posição religiosa, a decidir-se por Cristo, a abandonar a falsidade religiosa e a se ligar a um Igreja interessada em seguir exclusivamente as doutrinas do Novo Testamento.

.oOo.

E A POSIÇÃO DA IGREJA?

Ah! É a pura verdade do Evangelho. SÓ CRISTO SALVA O PECADOR!!! A Igreja não salva!

Sim, a Igreja não salva. Jesus Cristo é o único e exclusivo caminho do céu (João 14.6).

Acontece, porém, que quem é salvo por Cristo porque, arrependido, O aceitou como único e todo-suficiente Salvador passa a fazer parte da Sua Igreja, Seu Corpo (Efésios 5.23; Romanos 12.4-5).

A Igreja não salva. Mas, quem é salvo a ela se liga por força mesmo de sua fé. Mente, pois, quem se diz salvo e se recusa a ela engajar-se.

A Igreja de Jesus Cristo é uma instituição divina que associa, congrega, reúne, os salvos por serem crentes em Jesus Cristo.

Inexiste, portanto, igreja de incrédulos. Inexiste igreja de perdidos. Inexiste igreja de idólatras. Inexiste igreja de feiticeiros. Inexiste igreja seguidora de “tradições”.

A instituição que adota esse nome, sem ser Igreja (isto é, congregação dos salvos por serem crentes em Cristo, como seu único e suficiente Salvador, segundo as Escrituras), comete crime de falsificação e de mentira.

Neste tempos ominosos de fim de Dispensação, ocorrem dois erros significativos de dois extremos.

Um que exige uma igreja como meio de salvação e proclama: *Extra Ecclesia nulla salus* (fora da igreja não há salvação), como faz o romanismo. O romanismo que considera a igreja como “sacramento” de salvação.

Esta tese antievangélica, embora o ignorem os ingênuos, foi confirmada, ratificada e enfatizada no Concílio Ecumênico Vaticano II. Daí a grande promoção da chamada igreja.

Muitos evangélicos, ludibriados pela onda ecumenista, ao se referirem ao catolicismo, apodam-no de Igreja.

Denominar o catolicismo como Igreja é desconhecer o significado verdadeiro e bíblico do termo.

O outro extremo é praticado por muitos pregadores. Reconhecemos-los ardorosos e sinceros. Mas também ingênuos e prestantes ecumenistas.

Afirmam eles: Só Cristo salva o pecador! Aceite Cristo como único e todo-suficiente Salvador e você estará salvo. Não o convidamos a mudar de religião ou a sair de sua Igreja. Não é a Igreja que salva. Aceite Cristo e continue em sua Igreja. Aceite Cristo agora e não se preocupe com o assunto de Igreja.

Certa madame, cuja presença ardorosa assinala importantes reuniões e congressos de determinada denominação evangélica, afirmava que no céu se encontram pessoas de todas as religiões. Que lá estão também os idólatras.

É o absurdo dos absurdos. O próprio Jesus Cristo, em Apocalipse 22.15, é categórico ao asseverar: *“Fora [do céu] ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras, e todo aquele que ama e pratica a mentira”*.

Esta mensagem desses pregadores ecumenistizados é falcatrua por ser contra o Evangelho.

Para se aceitar Cristo com único e todo-suficiente Salvador, segundo as Escrituras, há necessidade absoluta, intransferível, do ARREPENDIMENTO.

E arrependimento envolve mudança completa de mente. Mudança de maneira de pensar. Abandono de pontos-de-vista religiosos alheios ou adversos à Bíblia, a única Fonte de Revelação Divina.

Quem aceita Jesus Cristo como seu único e todo-suficiente Redentor porque se arrepende, abandona os erros religiosos em que vivia. Abandona a sua antiga pretensa igreja.

E aceita ser membro de uma IGREJA VERDADEIRA. De uma Igreja que segue estritamente a Bíblia, a Palavra de Deus, isenta de tradições e

de ensinos de homens, como os cognominados magistérios eclesiásticos e as revelações de Joseph Smith e de Ellen White.

Eis a verdade limpida e cristalina: Quem, arrependido, aceita Cristo como seu Redentor pessoal, abandona o pecado, os erros religiosos, exatamente por ser salvo. É salvo de tudo isso. A velha vida passou. Tudo se fez novo. *“Assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”*, exclama Paulo Apóstolo em 2^a Coríntios 5.17.

E, experimentando essa transformação radical já não pode mais ficar fora da comunhão fraterna com seus companheiros de fé. Por isso que, no dia de Pentecostes, os que se arrependeram e se tornavam crentes em Jesus Cristo abandonavam a antiga religião, batizavam-se e se engajavam na igreja local de Jerusalém (Atos 2.41). *“Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos”* (Atos 2.47).

Ao lermos o precioso livro dos Atos dos Apóstolos, encontramos a cada passo o fato da organização de igrejas locais às quais se integravam os crentes em Jesus Cristo.

É impossível um crente permanecer fora da verdadeira igreja local de Jesus Cristo.

Paulo, o grande apóstolo, pregava o Evangelho. Almas se convertiam e ele as agregava a uma igreja local. Oprimia-lhe *“a preocupação com todas as igrejas”* (2^a Coríntios 11.28) porque muito se preocupava com todas elas.

Por que tamanha preocupação se o pertencer a uma igreja fosse assunto de somenos importância?

Pregar-se, pois, a possibilidade de permanecer numa igreja errada é ensinar-se o erro, o antievangelho, a mentira.

SÓ CRISTO SALVA O PECADOR, eis a Verdade do Evangelho! Mas, quem por Cristo é salvo integra-se, em virtude mesmo de sua fé, numa igreja entrosada nos moldes das Sagradas Escrituras. Eis a cristalina e completa Verdade do Evangelho!!!

Cuidado, pois, com os pregadores de um evangelho adulterado, falsificado e facilitado! Pode ser um cripto-ecumenista. Um cripto-herete!

.oOo.

